



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MONICA MONTEIRO DA COSTA VASCONCELOS

A CIDADE EM MOVIMENTO: práticas educativas do morar e conviver no bairro
Benfica

FORTALEZA

2017

MONICA MONTEIRO DA COSTA VASCONCELOS

**A CIDADE EM MOVIMENTO: práticas educativas do morar e conviver no bairro
Benfica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Área de Concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalogação, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V451c Vasconcelos, Monica Monteiro da Costa.

A cidade em movimento: práticas educativas do morar e conviver no bairro Benfica / Monica Monteiro da Costa Vasconcelos. – 2017.

105 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

1. Práticas Educativas. 2. Benfica. 3. História e Geografia local. I. Título.

CDD 370

MONICA MONTEIRO DA COSTA VASCONCELOS

**A CIDADE EM MOVIMENTO: práticas educativas do morar e conviver no bairro
Benfica**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado
Ribeiro.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Romeu Duarte Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

O Benfica é um daqueles lugares onde a cidade lembra o que já foi, lugar onde se vive para conviver, para ver, para sentir, para ouvir, para andar, para conversar.
Convivência experimentada no cotidiano, fruto das relações sociais alicerçadas pelo tempo.
Por isso, conviver no Benfica é um estado de espírito.
E quem já passou por essa experiência sabe que é imprescindível voltar sempre.
Para conviver, para ver, para sentir, para ouvir, para andar, para conversar...

Elmo Vasconcelos Júnior

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo, pela vida e força, porque este trabalho também é fruto da minha fé nele;

Ao meu filho, Rodrigo, “in memoriam”, você continua presente em tudo na minha vida;

À minha mãe, Alzira, minha nora Eveline, irmãos, Iolanda, Josafá, Marlene, Joabe e Narodinaia pelas orações e palavras encorajadoras;

A Elmo, meu esposo, pela sua participação especial como colaborador, incentivador e estimulador na elaboração desta dissertação;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro, que com o decorrer desta pesquisa tornou-se um amigo sempre pronto a ajudar nesta minha conquista;

Ao Prof. Rogério Mâsih, meu gestor na Universidade, pelas palavras de incentivo;

Aos meus colegas da Divisão de Estágios, Carlos, Flávio, Rafaela pelo apoio nas horas em que mais precisei da solidariedade;

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, Sérgio, Ariadna, Geisa e Adalgisa, pela atenção dispensada a cada um de nós mestrandos e doutorandos, certamente um diferencial, facilitando nossa vida burocrática durante o transcorrer do curso;

Aos professores Francisco Ari de Andrade, José Gerado Vasconcelos, José Rogério Santana, Rui Martinho Rodrigues, Elmo Vasconcelos Júnior e Luís Távora Furtado Ribeiro integrantes da linha História e Memória da Educação;

A professora Lilian Cavalcanti Fernandes Vieira, minha professora de Inglês Instrumental, que me fez iniciar leituras na língua de Shakespeare;

A Miguel Ângelo de Azevedo - NIREZ - pelos jornais, documentos e fotografias que enriqueceram esta dissertação.

RESUMO

A cidade de Fortaleza passou por significativas mudanças, relacionadas às diretrizes racionais, inseridas no seu espaço urbano. A evolução do sistema econômico renovando e recriando novos processos de acumulação através do avanço da técnica e da ciência atingiram as práticas sociais e reestruturaram a malha urbana. Algumas áreas na cidade foram mais afetadas por essas transformações que outras. Nos bairros, houve na maioria dos casos uma oscilação entre deterioração e renovação, reorganização e ampliação de suas funções e características. Entre esses bairros, destaca-se o Benfica. Isso é percebido de várias maneiras: construções de prédios em condomínio e shopping center, contrastando com a feira-livre mais antiga de Fortaleza; a permanência de famílias, que não querem mudar-se do bairro e que ali moram a mais de 50 anos, das rodas de amigos (moradores, estudantes, funcionários, professores e frequentadores do bairro) nos bares e churrascarias, da presença de pessoas que já moraram no bairro e que sempre o visitam para “matar um pouco da saudade, batendo um papo com os velhos amigos”, no pré-carnaval e carnaval, referencial na busca de uma identidade própria para o carnaval de Fortaleza e nas várias instituições educacionais ali instaladas. Através do estudo das práticas educativas desenvolvidas no bairro Benfica, por seus moradores, alunos, professores e funcionários de instituições educacionais, comerciantes e comerciários, sindicalistas, entre outros, perceberemos, que mais que qualquer lugar da nossa cultura, o bairro é o espaço que fala da nossa experiência emocional, uma autoreferência da vida social. Além da função educacional que diferencia o Benfica dos demais bairros de Fortaleza, ele, também, é um espaço carregado de simbologia, produto do cotidiano, resultante dos segmentos populacionais que o transformaram em espaço de integração social. Nosso estudo objetiva apresentar as práticas educativas que se desenvolvem no Benfica, a partir das narrativas daqueles que moram e convivem no bairro, associada a outras fontes como imagéticas e documentos escritos, para uma interpretação utilizando o método hermenêutico e um aporte teórico que se sustenta na Nova História Cultural, na Nova Geografia Cultural, na Memória, na História Oral, na Micro-História, na História e Geografia Local e no conceito de Práticas Educativas.

Palavras-chave: Práticas Educativas. Benfica. História e Geografia local.

ABSTRACT

The city of Fortaleza underwent significant changes, related to the rational guidelines, inserted in its urban space. The evolution of the economic system renewing and recreating new processes of accumulation through the advancement of technology and science reached social practices and restructured the urban fabric. Some areas in the city were more affected by these transformations than others. In the neighborhoods there was in most cases an oscillation between deterioration and renovation, reorganization and expansion of its functions and characteristics. Among these neighborhoods, Benfica stands out. This is perceived in several ways: Construction of condominium buildings and shopping center, contrasting with the oldest fair-free of Fortaleza; The permanence of families, who do not want to move out of the neighborhood and who live there for more than 50 years, from the wheels of friends (residents, students, employees, teachers and residents of the neighborhood) in bars and steakhouses, Already lived in the neighborhood and who always visit him to "kill a little of nostalgia, chatting with old friends", in the pre-carnival and carnival, a reference in the search of an identity for the Carnival of Fortaleza and in the various educational institutions Installed there. Through the study of the educational practices developed in the Benfica neighborhood, by its residents, students, teachers and employees of educational institutions, merchants and traders, trade unionists, among others, we will realize that more than anywhere in our culture, the neighborhood is the space that Speaks of our emotional experience, a self-reference of social life. In addition to the educational function that differentiates Benfica from the other neighborhoods of Fortaleza, it is also a space loaded with symbolism, a product of everyday life, resulting from the population segments that transformed it into a space for social integration. Our study aims to present the educational practices that develop in Benfica, based on the narratives of those who inhabit and live in the neighborhood, associated with other sources such as images and written documents, for an interpretation using the hermeneutical method and a theoretical contribution that is based on the New Cultural History, New Cultural Geography, Memory, Oral History, Microhistory, History and Local Geography and the concept of Educational Practices.

Keywords: Educational Practices. Benfica. Local History and geography.

RÉSUMÉ

La ville de Fortaleza a subi des changements importants, liés aux lignes directrices rationnelles, définies dans son espace urbain. L'évolution du système économique renouvellement et de recréer de nouveaux processus d'accumulation grâce à l'avancement de la technologie et de la science a atteint les pratiques sociales et la restructuration du tissu urbain. Certaines zones de la ville, ont été les plus touchés par ces changements que d'autres. Dans les quartiers il y avait dans la plupart des cas, une oscillation entre la désintégration et le renouvellement, la réorganisation et l'expansion de ses fonctions et caractéristiques. Parmi ces quartiers, il met en évidence le Benfica. Ceci est réalisé de plusieurs façons: Construction de maisons en copropriété et centre commercial, contrairement à la plus ancienne forteresse marché en plein air; la permanence des familles qui ne veulent pas sortir du quartier et y vivre depuis plus de 50 ans, les roues des amis (locaux, les étudiants, le personnel, les enseignants et les clients du quartier) dans les pubs et grills, la présence de personnes ont vécu dans le quartier et ce que visiter jamais « tuer un peu de nostalgie, en battant une conversation avec de vieux amis » dans le pré-carnaval et carnaval, référence dans la recherche de son identité propre pour le carnaval de Fortaleza et dans les différents établissements d'enseignement il est installé. A travers l'étude des pratiques éducatives développées dans le quartier Benfica pour ses résidents, les étudiants, les enseignants et les employés des établissements d'enseignement, des marchands et du commerce, des syndicalistes et d'autres, nous voyons que plus que partout dans notre culture, le quartier est l'espace parle de notre expérience émotionnelle, une auto-référence de la vie sociale. En plus de la fonction éducative qui définit le Benfica d'autres quartiers de Fortaleza, lui aussi, est plein d'espace symbolique, produit tous les jours résultant des segments de la population qui se transforment en espace d'intégration sociale. Notre étude vise à présenter les pratiques éducatives qui se développent à Benfica, des récits de ceux qui vivent et vivent dans le quartier, combiné à d'autres sources telles que les documents d'imagerie et écrites, pour une interprétation selon la méthode herméneutique et cadre théorique qui repose sur Histoire culturelle nouvelle, nouvelle géographie culturelle à la mémoire, l'histoire orale, la micro-histoire, l'histoire et la géographie locale et le concept des pratiques éducatives.

Mots - clés: Pratiques éducatives. Benfica. l'histoire et la géographie locale.

LISTA DE SIGLAS

- UFC – Universidade Federal do Ceará
- UECE – Universidade Estadual do Ceará
- CETREDE – Centro de Treinamento e Desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará
- IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
- FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
- CH – Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará
- MAUC – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
- FCPC – Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura da Universidade Federal do Ceará
- 23° BC – Vigésimo Terceiro Batalhão de Caçadores do 10º Região Militar do Exército Brasileiro
- PV – Estádio de Futebol Presidente Vargas

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 – Cópia do Projeto de Lei aprovada pela Câmara Municipal, denominando de Gentilândia um bairro de Fortaleza	17
Figura 02 – Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios de Adolfo Hebster	42
Figura 03 – Foto aérea da lagoa do Tauape, em que se avista, na direção norte o conjunto de ruas e casas do bairro Benfica	43
Figura 04 – Av. Visconde do Cauípe, atual av. da Universidade, a partir da rua Paulino Nogueira, em frente ao CETREDE, em direção ao centro da cidade	44
Figura 05 – Palacete Gentil	46
Figura 06 – Palacete João Gentil	46
Figura 07 – Bonde Elétrico 0. Linha do Benfica e do Prado	47
Figura 08 – Dispensário dos Pobres	47
Figura 09 – Igreja de Nossa Senhora dos Remédios	48
Figura 10 – A Casa das Missões dos Padres Lazaristas	48
Figura 11 – O Ginásio Americano/Colégio Nossa Senhora das Graças	49
Figura 12 – Colégio Santa Cecília	49
Figura 13 – Campo do Prado	50
Figura 14 – Escola Industrial (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE)	51
Figura 15 – Clube Gentilândia	51
Figura 16 – O Recreio Iracema/Cine Benfica	52
Figura 17 – Manchete no Jornal A Tribuna sobre a inauguração do Recreio Iracema	52
Figura 18 – Rua Redenção	53
Figura 19 – Vila Santana	54
Figura 20 – Modelo de casa construída para atender a classe média	54
Figura 21 – Árvore localizada no meio da rua João Gentil	55
Figura 22 – Vista aérea da Reitoria da Universidade Federal do Ceará	56
Figura 23 – Casa de Cultura Alemã	57
Figura 24 – FM Universitária	58
Figura 25 – Casa Amarela	58

Figura 26 – FEAAC - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará	59
Figura 27 – Bloco de Carnaval Sanatório Geral	61
Figura 28 – Sala da Linha de Pesquisa História e Memória da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará	73
Figura 29 – Cartaz do XV ECHE - evento ocorrido em 2016	74
Figura 30 – FACED - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Foto de 2015	75
Figura 31 – Bar do Chaguinha	78
Figura 32 – Bar do Luís Picas, atual Gentilândia Bar	79
Figura 33 – Cantinho Acadêmico	80
Figura 34 – Bar Buraco do Reitor	81
Figura 35 – Foto da avenida Visconde de Cauípe (Anexos)	102
Figura 36 – Foto da Rotatória em as avenidas 13 de maio e Universidade (Anexos)	103
Figura 37 – Foto do Cel. José Gentil Alves de Carvalho (Anexos)	104
Figura 38 – Alta mor da Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Anexos)	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 A construção do problema	18
1.1.1 A relação do “morar” e “conviver” na perspectiva da sociabilidade	18
2 ITINERÁRIO TEÓRICO-METODOLÓGICO	22
2.1 Conceituando Práticas Educativas	22
2.2 A Nova História Cultural	26
2.3 A Micro-História e sua importância na Historiografia	29
2.4 História oral como recurso metodológico	31
2.5 A história da educação do tempo presente	35
2.6 A história da memória	37
3 EVOLUÇÕES SOCIOESPACIAL DO BAIRRO BENFICA	42
3.1 Uma breve história do bairro Benfica	42
3.2 Dinâmica socioespacial no Bairro Benfica	62
3.3 O bairro Benfica enquanto lugar do morar e conviver	65
4 ANÁLISE COMPREENSIVA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO BENFICA ...	71
4.1 Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC	71
4.2 Práticas Educativas nos bares da vida	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	92
MAPAS DA EVOLUÇÃO DO BENFICA	93
MAIS FOTOGRAFIAS DO BENFICA	101

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XIX e início deste século, a forma interna da cidade de Fortaleza passou por significativas mudanças relacionadas as diretrizes racionais inseridas no seu espaço urbano. As novas características do modo de produção renovando e recriando novos processos de acumulação através do avanço da técnica e da ciência atingiram as práticas sociais e reestruturaram a malha urbana.

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço se reproduz, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. (SANTOS, 2002, p. 18).

Algumas áreas na cidade foram mais afetadas por essas transformações do que outras, houve na maioria dos casos uma oscilação entre deterioração e renovação, reorganização e ampliação de funções e características. Em meio a tudo isso, é real afirmar também, que alguns bairros que tinha como função dominante a domiciliar, com o tempo foram ganhando novas funções que o transformaram, e hoje, esses espaços são identificados por uma complexidade de funções. No bairro Benfica, o que domina são as atividades relacionadas a educação, cultura e lazer. Como se percebe, o processo de modernização, transformador do espaço e das relações sociais, não consegue em todos os lugares manter as mesmas características. Sobre esse dilema afirma Carlos.

Assim, a produção do espaço deve ser entendida sob uma dupla perspectiva, ao mesmo tempo que se processa um movimento que constitui o processo de mundialização da sociedade urbana produzindo, pela decorrência, um processo de homogeneização do espaço, acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo. Este processo se manifesta no plano do vivido, no lugar onde se desenrola a vida humana. (CARLOS, 2006, p. 59).

O bairro Benfica, por exemplo, conhecido espaço de chácaras, que serviam de residência a uma parte da elite comercial e fundiária do Ceará, e que foram edificadas em sua maioria a partir do final do século XIX e nos primeiros 30 anos do século XX foi com o tempo sendo transformado. Ainda nos anos de 1920, houve a construção de residências de vários tamanhos em ruas e vilas que foram sendo criadas de forma planejada, conjunto de

edificações que foi denominado popularmente de Gentilândia¹, dessa forma, o bairro tornar-se-ia em espaço de atração para uma classe média emergente de funcionários públicos e profissionais liberais. A concentração dessa população de “ricos” e de uma classe média intelectualizada no bairro, promoveria a instalação de uma série de serviços para a demanda que vinha surgindo e que tinham relação com a educação, a cultura e o lazer, mesmo antes da instalação da UFC.

Podemos citar vários espaços erguidos no Benfica para esse fim, processo, como já mencionamos, iniciado nos anos de 1920, como o Prado para as corridas de cavalo e que tinha na parte interna da raia para as corridas, um campo de futebol com a mesma denominação. Outro exemplo seria a construção da sede do Clube Gentilândia e, posteriormente do Clube Maguary, a instalação e construção do Ginásio Nossa Senhora das Graças e do Ginásio Santa Cecília, Escola Técnica Federal do Ceará, a sede dos Clubes de Futebol Ferroviário e Gentilândia Esporte Clube e do Estádio Presidente Vargas, com isso o bairro transformava-se em espaço da educação, da cultura e do lazer, não só para os seus moradores, mas para toda a sociedade fortalezense. O bairro também motivou a boemia da cidade, que sempre procurou nos seus bares o espaço para o seu divertimento.

Portanto, entendemos que o bairro Benfica possui uma importância histórica para a cidade de Fortaleza, reforçando que destacamos a sua escolha como espaço para a construção de residências pelas famílias importantes no cenário social, político e econômico do Estado. Entre essas, é incontestável a importância da família Gentil, que tinha como patriarca o comerciante e banqueiro Coronel José Gentil Alves de Carvalho. Suas raízes se encontram em Sobral, município localizado na região norte do estado do Ceará.

Essa importante personalidade veio residir no Benfica, em 1908, a partir da aquisição do sítio Queluz, onde inauguraria, em 1918, um palacete que foi posteriormente transferido, em 1957, para a recém-criada Universidade do Ceará, atual Universidade Federal do Ceará. O palacete passou por diversas reformas e ampliações, sem, contudo, perder o estilo neoclássico que o destacava. No prédio seria instalada a reitoria da referida universidade. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1999).

A construção de um conjunto de residências de vários tamanhos em ruas e vilas, que foram construídas de forma planejada para alocação de diferentes segmentos sociais, foi obra do comerciante e banqueiro Coronel José Gentil Alves de Carvalho, as residências eram

¹ Gentilândia é o nome que se deu a uma área do bairro Benfica onde foi construído pelo comerciante e banqueiro José Gentil, nos anos de 1930 e 1940, um conjunto de residências de vários tamanhos para uma classe média emergente que se constituía na cidade. Gentilândia significando a cidade do Gentil.

destinadas a alocação, em especial, da classe média, que estava em ascensão em Fortaleza, composta pelos profissionais liberais e funcionários públicos, em sua maioria, professores, médicos, contadores e advogados. Essa área demarcada pelas residências construídas pelo empresário ficou conhecida como Gentilândia. Com essa denominação, podemos perceber a relevância do patriarca da família Gentil na história do bairro Benfica, pois a Gentilândia se localizava dentro do referido bairro. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1999).

Como esclarecimento, vale ressaltar que atualmente a Gentilândia não pertence mais ao bairro Benfica. O prefeito Juraci Magalhães (1997-2004) sancionou lei criando o bairro Gentilândia. No entanto, em nossa análise, a Gentilândia estará inserida no Benfica. Entendemos que este fato não interferiu nos resultados do nosso estudo, principalmente porque, embora tenha sido oficializado como bairro pelo poder executivo municipal, as instituições federais, estaduais e mesmo algumas municipais continuam utilizando sua logística naquele espaço como Benfica. É bom também frisar que ainda não existe para os Correios e Telégrafos o bairro Gentilândia. (Figura 1).

Continuando com nossa abordagem ligada a história do bairro, este além de espaço de residência de uma parte da elite local e principalmente de segmentos da classe média, como explicamos anteriormente, detinha outros importantes fatores locacionais, como a proximidade com o centro da cidade e de ter em sua malha viária a Estrada do Arroches, nome antigo do atual bairro Parangaba, localizado ao sul do espaço urbano da cidade. Essa estrada, atual Av. da Universidade e Av. João Pessoa, conectava Fortaleza ao maciço de Maranguape e Baturité, regiões produtoras de hortifrutigranjeiros que abasteciam a cidade. Certamente este fluxo de produtos e pessoas pelo Benfica, o destacou no cenário urbano de Fortaleza.


Outra via de acesso importante é a atual Rua Marechal Deodoro, continuação da Av. Godofredo Maciel. Essa via conectava o antigo Matadouro Público de Fortaleza, localizado onde hoje funciona a Escola Estadual de Ensino Médio Paulo VI, no bairro Jardim América, ao Centro da Cidade. Todo o escoamento de carne bovina para o abastecimento do centro da cidade e adjacências passava por esta via.

Assim como os fatores apresentados acima, outro importante fato para a história, que se mantém firme na atualidade, foi a criação e fixação da Universidade Federal do Ceará, no ano de 1955. Vale ressaltar, que antes da criação da universidade, o ensino superior já se fazia presente no estado, com a Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Agronomia e a Faculdade Católica do Ceará, nenhuma

dessas instituições localizava-se no Benfica e todas foram incorporadas à nova universidade, com exceção da última instituição.

Figura 1: Cópia do Projeto de Lei aprovada pela Câmara Municipal, denominando de Gentilândia um bairro de Fortaleza. Documento datado de 2000.

18


CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, JUSTIÇA E REDAÇÃO FINAL

**A COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, JUSTIÇA E REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE
REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI N. 0434/99.**



*Denomina de Gentilândia um bairro de
Fortaleza e dá outras providências.*

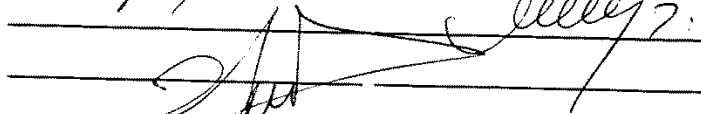
A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA APROVA:

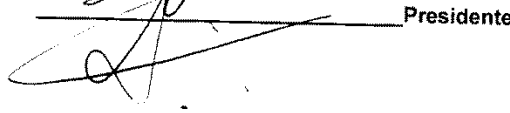
Art. 1º Fica denominado de Gentilândia um Bairro de Fortaleza, com delimitação de área a ser definida em ato do Poder Executivo Municipal.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

**SALA DAS SESSÕES DAS COMISSÕES PERMANENTES DA CÂMARA
MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM DE DE 2000.**



 **Presidente**

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Fortaleza.

A criação da UFC consolidou o Benfica como Espaço da educação, com a instalação da Reitoria, e dos antigos institutos de ciências. Como frisamos, o bairro já possui outras instituições de ensino, destacando-se o Colégio Santa Cecília e o Colégio Nossa Senhora das Graças. Ainda que estas instituições tenham deixado suas contribuições para o contexto educacional do bairro, nenhuma delas alterou de forma significativa a dinâmica social nesse espaço, como ocorreu e ainda vem ocorrendo após a criação da Universidade Federal do Ceará. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1999).

1.1 A construção do problema

Com todas essas mudanças na estrutura socioespacial do Benfica, é preciso destacar que os moradores, viram o seu cotidiano sendo transformado ao longo do tempo, não há como não perceber que atualmente os moradores vivem num cotidiano de muito movimento urbano e não há como fugir a este “frenesi” resultante do fluxo de pessoas. Dessa forma, boa parte dos moradores, mesmo diante da rotina entre o trabalho, o estudo, o bairro e a casa, encontram meios e fins de quebrar a monotonia e participar desse “frenesi”, aproveitando os shows na Concha Acústica da UFC, os comícios dos partidos de esquerda que sempre montam os seus comitês no bairro, as atividades culturais na Praça da Gentilândia, como os pré-carnavais e o carnaval, o encontro dos amigos do bairro nos bares, sempre lotados e que são conhecidos por toda a cidade, os jogos no Estádio Presidente Vargas ou no Ginásio Coberto Aécio de Borba e a compra de produtos hortifrutigranjeiros na mais antiga feira-livre da cidade, conhecida como feira da Gentilândia, ou na mais nova feira, que comercializa produtos orgânicos, as duas feiras ocupam as duas praças do bairro e funcionam nos finais de semana. Apenas através de um olhar mais atento é possível perceber essas relações que vão se constituindo no bairro, no morar e conviver, enquanto fonte de legitimação dos grupos e os seus movimentos e podem articular ou são articuladas por práticas educativas.

1.1.1 A relação do “morar” e “conviver” na perspectiva da sociabilidade

Em relação ao morar e conviver, palavras consideradas em muitos dicionários como sinônimas, apresentamos a seguinte propositura, tomada aqui como base de apoio a nossa argumentação. Segundo o dicionário Aurélio, morar é habitar, é residir, localizar-se, e, portanto, vai além de conviver. Quem mora, mesmo que não trabalhe onde habita, vai

conhecendo por conta do tempo de moradia, os sons, as cores, e as temporalidades existentes entre os dias da semana. O que sempre ocorre nos dias entre segunda e sexta é muito diferente do sábado e do domingo. E as madrugadas em casa, dormindo ou naqueles dias sem sono, qualquer ruído é uma novidade e o cérebro questiona pelo volume de onde veio e o seu significado. Quanto maior o tempo de moradia, mais complexa é a percepção que se aprende do lugar habitado e a partir dessa percepção, iniciamos um processo mental de diferenciação de áreas, ou como nos adverte DAMATTA (1997, p. 29) “para que se possa ‘ver’ e ‘sentir’ o espaço, torna-se necessário situar-se”.

Dessa forma, as relações de orientação, segurança e identidade dos sujeitos com o seu entorno assumem caráter existencial; a partir da apropriação que se dá de áreas da cidade, neste caso um bairro, a partir do habitar. É como uma bússola, o norte é o lugar que habitamos, é a nossa referência socioespacial.

Conviver é ter convivência, ter intimidade, viver com outrem. Pois bem, então convivência é a ação ou o efeito de conviver; é familiaridade, é reunião de pessoas. Podíamos nos utilizar de termos semelhantes para evidenciar com maior clareza o termo conviver: frequentar, amiudar, repetir, visitar, combinar, conversar, cuidar, pactuar, coexistir, coabitar, compartilhar. Diante do leque de significados sobre o que é conviver, vamos nos aproximar daquele que nos parece mais adequado a nossa argumentação: vida em comum; contato diário ou frequente.

Dessa forma entendemos que morar é também conviver, mas, de uma forma mais completa ou por que não dizer mais complexa, mais permanente. Os habitantes ou moradores em nossa perspectiva possuem em relação à realidade objetiva, uma possibilidade em termos de tempo de permanência, geradora de uma maior capacidade de assimilação, em função do modo diferenciado de perceber o seu entorno.

Quem frequenta o bairro Benfica, também convive, mas essa convivência é de um outro tipo de usuário daquele espaço, que age de um outro modo na percepção do seu entorno. Ele sai de casa – em outro bairro – e se dirige a escola, ao trabalho, ao lazer no Benfica. Já tem um propósito pré-definido. Pode até ocorrer o inusitado, o professor faltar a aula e, agora, ele tem um tempo ocioso e pode utilizá-lo para flunar pelo bairro. Mesmo assim, ele precisará de um contexto mais duradouro, em termos de permanência para descobrir o Benfica enquanto lugar da sociabilidade. Essa construção pode ocorrer, mais não terá a complexidade daquela que se desenvolve na mente de quem habita. A frequência é ditada pelo ritmo das aulas, do horário do trabalho, entre os dias da semana.

Mas é preciso deixar claro que o Benfica é um espaço da diversidade de olhares daqueles que no dia-a-dia se apropriam de seus espaços na busca incessante de ser e se ver na cidade. Com esta percepção, entendemos ser o Benfica, um espaço da cidade de Fortaleza, que é apropriado de várias formas, por vários grupos, numa multiplicidade de interesses, mas que possuem como ponto de fundamentação, segundo nossa interpretação, algo em comum, resultante de sua multifuncionalidade, principalmente por consequência do Benfica ser o *locus* de instituições educacionais de prestígio em nossa sociedade. Dessa forma, entendemos que a educação, a cultura e o lazer são condicionantes sociais para uma análise compreensiva do Benfica.

O que queremos denotar como importante nessa discussão sobre o Benfica é que as instituições de ensino influenciaram as atividades de bens e serviços no bairro, em relação ao atendimento das necessidades dos estudantes, funcionários e professores associadas às necessidades da população residente. Com isso, o bairro foi ganhando um novo arranjo espacial tornando-se um centro de educação, cultura e lazer para a cidade e o estado. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1999).

A dinâmica espacial influenciada pela educação modificou a estrutura espacial do bairro provocando o surgimento de diversas atividades e novos estabelecimentos comerciais ligados aos que compunham o espaço do bairro Benfica. Essa análise pode ser entendida através da verticalização cada vez mais intensa, com condomínios, dos equipamentos que foram surgindo no bairro, como as diversas gráficas rápidas, onde os estudantes fazem cópias de materiais utilizados na universidade.

Outro exemplo, é a construção do shopping Benfica, de supermercados, bares e churrascarias, com serviços profissionais, as edificações de Quitinetes e as reformas em residências antigas que se transformam em pensões e/ou são ampliadas com verticalização e acréscimo de andares com quartos individuais que são alugados para estudantes, em especial, estudantes de pós-graduação *stricto sensu*². Dessa forma entendemos que as ações produzidas no espaço geográfico são representações do movimento social e de toda a vida que anima o mesmo, resultando em um processo produtivo, onde as relações sociais e os fluxos estão cada vez mais complexos. Cada nova ação se desenvolve dentro desse tear que tem como ponto fundante a vida urbana, resultando sempre em um novo arranjo socioespacial. (SANTOS, 1998).

² A expressão *stricto sensu* aplica-se aos cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado oferecidos pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

Nesse contexto, foi nossa pretensão contribuir com as pesquisas que se têm realizado em torno de práticas educativas e sua dimensão socioespacial, entendendo como a sociedade produz e reproduz os espaços, dando sentido aos mesmos. Portanto, esse estudo teve como principal objetivo analisar o processo pelo qual o bairro Benfica tornou-se espaço de práticas educativas, levando em consideração os vários atores envolvidos, observando os vários segmentos sociais e sua dinâmica no bairro. Certamente, a história do bairro e sua resultante espacial, providenciou uma melhor compreensão de sua evolução e onde se pôde observar como ele adquiriu, com o tempo, características importantes em relação aos segmentos sociais que foram se apropriando, como os moradores, os estudantes, os funcionários e os professores das instituições educacionais e outros frequentadores. Para eles, o Benfica se caracteriza por ser o lugar onde as relações sociais são impregnadas pelo sentimento de pertença que lhe dá significado. Ele não é apenas o espaço do trabalho, do estudo, é o espaço onde se vive para conviver.

Nosso estudo objetiva apresentar algumas práticas educativas que se desenvolvem no Benfica, a partir das narrativas daqueles que moram e convivem no bairro, associada a outras fontes como imagéticas e documentos escritos, para uma interpretação utilizando o método hermenêutico e um aporte teórico que se sustenta na Nova História Cultural, na Nova Geografia Cultural, na Memória, na História Oral, na Micro-História, na História e Geografia Local e no conceito de Práticas Educativas.

Nossa dissertação está dividida em três capítulos, considerando a introdução como primeiro capítulo, onde apresentamos o bairro Benfica e qual será a temática escolhida para desenvolver o nosso estudo. O Segundo capítulo versa sobre o conceito de Práticas Educativas, sobre as teorias de análise da História e da Geografia que escolhemos como base de sustentação teórica de nossa dissertação e que propiciam uma visão sobre a Nova História Cultural, Micro História, adentrando na História e Geografia dos Lugares, a partir de autores, considerados aqui fundamentais, como Sandra Jatahy Pesavento, Ronaldo Vainfas e Milton Santos, entre outros. O terceiro capítulo analisa a evolução socioespacial do bairro Benfica apresentando, uma breve história do bairro, a dinâmica socioespacial e discute o bairro enquanto lugar do morar e conviver. Por último, o quarto capítulo apresenta uma análise compreensiva das práticas educativas no Benfica. As considerações finais encerrarão a apresentação do nosso estudo, referendando a nossa ideia de que o bairro Benfica se caracterizou por ser um espaço de práticas educativas que atraíram e, ainda atraem os moradores de outros bairros da cidade de Fortaleza.

2 ITINERÁRIO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Conceituando Práticas Educativas

A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Para que possamos ter um entendimento da complexidade da educação, dentro de um viés elucidativo de suas categorias, consideramos aqui a cidade como espaço social de práticas educativas.

Continuando com o nosso raciocínio, Trilla (1993) considera o universo educativo como sendo formado pelo conjunto de fatos, fenômenos ou efeitos educativos – formativos e/ou instrutivos – e, por extensão, o conjunto de instituições meios, âmbitos, situações, relações, processos, agentes e fatores suscetíveis de gerá-los. A amplitude do conceito é pontuada pela adoção de categorias que dividem a educação pelos setores: formal, não formal e informal.

A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias, que são as escolas e universidades, onde o aluno deve seguir um programa pré-determinado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversas ordens, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito do ensinar ciência e repassar conhecimentos a um público heterogêneo. A aprendizagem não formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Finalmente, a educação informal ocorre de forma espontânea na vida, no dia-a-dia, através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais.

A tipologia que subdivide os contextos educativos em formais, não formais e informais nos parece, entretanto, rígida demais para dar conta da mobilidade do processo social. Para FURTER (1977), “muitas ações não escolares de natureza educativa são marcadas por um alto nível de formalização, enfraquecendo assim o conceito”. Da mesma forma, seria possível que práticas escolares fossem realizadas sem nenhum tipo de informalidade? São, de fato, os contextos sociais, onde se processariam a educação informal, imunes a elementos de formalização ou ritos educativos? O que se convencionou denominar

como educação não formal também não seria constituído por diferentes eventos capazes de combinar formalidade e informalidade educativa?

Neste contexto o conceito de educação é ampliado para a dinâmica da vida cultural, incorporando os relacionamentos sociais que ocorrem para além das práticas concebidas para gerar aprendizagens. Consideramos que o contexto da globalização da economia e da mundialização da cultura caracteriza as formas sociais e os sentidos culturais das cidades contemporâneas. As relações entre globalização e localização cultural originam formas culturais híbridas, tornando mais complexos os processos sociais educativos.

A ampliação da noção de educação para o conjunto das práticas sociais educativas significa o reconhecimento da multiplicidade de fatores que concorrem para a formação das identidades, ou se quisermos das múltiplas identidades que se configuram para os sujeitos nos processos de sociação³ em determinado momento histórico. Para Simmel, uma sociedade toma forma a partir do momento em que os atores sociais criam relações de interdependência ou estabelecem contatos e interações sociais de reciprocidade. (SIMMEL, 2000).

Desse modo, as fronteiras e limites de uma sociedade são difusos e extremamente transitórios. É importante destacar que as interações sociais e as relações de interdependência não representam, necessariamente, a convergência de interesses entre os atores sociais envolvidos. Em seus estudos macrosociológicos, Simmel (2011) demonstra que as interações sociais podem prefigurar relações conflitivas, relações de interesse mútuo e relações de subordinação (ou dominação). O conflito, porém, é concebido por Simmel como algo benéfico porque é um momento que sinaliza o desenvolvimento da tomada de consciência individual, que teria uma função positiva para sociedade como um todo, principalmente à medida que o conflito fosse superado, mediante acordos. Acordos que desenvolveriam novas formas de se relacionar e, por conseguinte criariam novas práticas sociais.

Portanto, entendemos que o processo de transformação educativa das circunstâncias e de si próprio não é redutível às práticas sociais intencionalmente concebidas para educar, nem tampouco é fruto do acaso completo. A materialidade da vida, as configurações sociais e os cruzamentos de redes de subjetividade estabelecem contextos que devem ser considerados como efetivamente educativos, desde uma perspectiva de educação que se amplia para além dos horizontes estritamente pedagógicos.

³ Para Simmel (1983) a sociação é o conteúdo, matéria, formado pelos interesses de influenciar os outros e o de ser influenciado. Sociação, então, é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Para o sociólogo alemão os interesses formam a base das sociedades humanas. (Wikipédia, acesso em 20/03/2017).

Carrano (1999) assinala a importância de se compreender as relações humanas na cidade como uma esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados.

A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instâncias educativas tradicionais como as relacionadas com famílias e instituições escolares. As atividades desenvolvidas no tempo livre e lazer são exemplos de práticas sociais que não são, necessariamente, vividas em contextos institucionais concebidos para educar. (CARRANO, 1999, p. 32).

Sendo assim, o processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre a continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e aleatoriedade, a homogeneidade e heterogeneidade; ou seja, no próprio movimento da vida e das *práxis* social. Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens vivemos cotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos. Experimentar a heterogeneidade e os fluxos das práticas educativas nos diferentes espaços das cidades, como nos bairros, apresenta-se como um caminho para o reconhecimento das práticas sociais educativas que escapam à institucionalização. A valorização do potencial da educação praticada nos espaços que constituem as cidades tem contribuído para a diminuição da ausência de discussões acerca dos processos educativos que se fazem invisíveis às intenções pedagógicas.

Em nosso estudo, as práticas sociais que ocorrem nas cidades incorporam-se ao conceito de educação, uma vez que compreendem em suas dinâmicas culturais próprias de realização a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade social. Ao reconhecermos que as cidades se constituem na multiplicidade de lugares que negociam a homogeneidade e a heterogeneidade das práticas, assim como a continuidade e a descontinuidade educativa, podemos estar contribuindo para a compreensão da totalidade do processo educacional, da qual a escola faz parte. É nesse sentido que consideramos a cidade e os seus territórios como redes de relações e práticas que configuram um amplo espectro dos fatos sociais educativos.

Temos, ainda, outro fator importante que vem mudando de forma acelerada as práticas educativas, em todos os sentidos e categorias. Como discutia SANTOS (1998), “o meio técnico-científico-informacional propiciou uma instantaneidade nos acontecimentos, em sua propagação e em suas consequências no mundo e construiu, novos arranjos na economia, política e educação”. Em nossa seara, a educação, as mudanças ocorridas ainda estão sendo,

paulatinamente inseridas nas práticas educativas formais e não formais, mas mudaram por completo as práticas educativas informais. A liberdade de comunicação inseridas pelas redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, criando novas redes de sociabilidade, foram capazes de num *click* integrar digitalmente pessoas, grupos e instituições, numa forma, que até o presente momento, na maioria dos países se dá de forma libertária, mas que pode ser sempre vigiada. É bom tornar claro que entendemos rede social digital como a relação que as pessoas mantêm, umas com as outras por meio de grupos, comunidades, perfis, superando distâncias, no ciberespaço.

Ciberespaço é o espaço virtual para a comunicação que surge da interconexão das redes de dispositivos digitais interligados no planeta, incluindo seus documentos, programas e dados, portanto não se refere apenas à infraestrutura material da comunicação digital, mas também ao universo de informações que ela abriga. O conceito de ciberespaço, ao mesmo tempo, inclui os sujeitos e instituições que participam da interconectividade e o espaço que interliga pessoas, documentos e máquinas. O ciberespaço representa a capacidade dos indivíduos de se relacionar criando redes que estão cada vez mais conectadas a um número maior de pontos, tornando-se as fontes de informação mais acessíveis. Porém, o ciberespaço se compreende não só como um ambiente de divulgação de informação, mas também de entretenimento e cultura, no qual os indivíduos podem expressar suas singularidades e, ao mesmo tempo, se relacionar criando novas e diversas pluralidades. Isto é possível porque o ciberespaço, como já discorremos acima, na maioria dos países, é considerado um espaço de acesso livre e descentrado, onde todos os tipos de texto, voz, imagens, vídeos, são divulgados propiciando uma única linguagem: a informática.

Em relação a educação, em especial às práticas educativas formais e não formais, multiplicaram-se os meios de comunicação, para além do e-mail, reforçando e dinamizando grupos de pesquisa, a divulgação de eventos para um público focado em temáticas específicas, racionalizando tempo e recursos. Mas, como já nos referimos acima, as práticas educativas informais tiveram um “bom”, absorvendo, ampliando e recriando antigas e novas formas de sociabilidade, num jogo que ainda predomina a liberdade contra qualquer limitação. Onde você pode entrar e sair quando quiser, essas novas redes de sociabilidade, são criadas e extintas “num piscar de olhos”, esse tempo de existência digital depende da temática escolhida e de sua repercussão junto aos membros.

Entendemos em nossa pesquisa que, atualmente qualquer que seja a discussão sobre práticas educativas, formais, não formais e informais, a de se considerar como um campo profícuo de investigação, as novas redes de sociabilidade desenvolvidas pelo meio

técnico-científico-informacional. Essas novas redes de sociabilidade podem até ser criadas sem uma prévia comunicação física da maioria das pessoas interessadas, mas, logo após a sua criação, ficam disponíveis no ciberespaço para conexão e associação. Portanto, em nossa pesquisa, ampliamos o número de grupos que desenvolvem práticas educativas em todas as categorias, para além do meio físico, pois queremos incluir os grupos que foram criados no bairro Benfica e que desenvolvem práticas educativas no ciberespaço.

2.2 A Nova História Cultural

Focado nas práticas educativas de grupos que interagem no espaço físico e digital, temos em mente, também, que seria imprescindível em nossa pesquisa a necessidade de nos cercar de um aporte teórico que pudesse dar sustentação a nossa argumentação, a partir de um estudo detalhado em livros, ensaios e textos dos mais variados autores sob diferentes aportes teóricos, temas e problemas, que possibilitassem outras tantas leituras do processo histórico da educação, não pretendendo, é claro, elaborar nenhum compêndio, mas contribuir para uma fundamentação teórica que permitisse estudar, escrever e compreender, o bairro Benfica enquanto espaço de práticas educativas.

A recorrência a este arcabouço teórico, fundamental neste estudo do bairro Benfica, enquanto espaço da educação implicou, também, na construção de uma abordagem dos eventos históricos, como a criação das instituições educacionais no bairro e de outras instituições, a partir da Nova História Cultural, escolha que se justifica, uma vez que, dos novos modelos historiográficos é, justamente, a História Cultural, que mais consegue trazer novos ares ao trabalho do pesquisador imbuído em pesquisar a história da educação.

O arcabouço intelectual que vai dá origem à Nova História Cultural está intimamente ligado ao surgimento, no final da década de 1920, na França, de uma nova forma de se pensar as questões historiográficas, identificada como História das Mentalidades. Essa nova forma de se interpretar os fatos históricos buscava fugir da história historicizante: uma história que se furtava ao diálogo com as demais Ciências Humanas, tais como, a antropologia, a psicologia, a linguística, e neste caso a geografia. No lugar desse tipo de manejo dos fatos históricos, era preciso adotar, segundo Vainfas:

Uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seu modo de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação. (VAINFAS, 2002, p. 17).

Entretanto, muitos críticos vão se insurgir contra os defensores da História das Mentalidades. A mais comum e corrosiva das críticas formuladas é de que a História das Mentalidades torna multifragmentado o seu objeto de estudo. Isto é, “a chamada História das Mentalidades abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, pôs em risco a própria legitimidade da disciplina”, conforme assegura Vainfas (2002). Foi dessa forma, que acuada por críticas de diversas formas, a História das Mentalidades refugiou-se na chamada Nova História Cultural. Se utilizamos a expressão Nova História Cultural é para separá-la daquilo que convencionou-se chamar de Velha História Cultural. Segundo Pesavento, na Nova História Cultural.

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham à cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da belle époque, que entendia a literatura e, por extensão, a cultura, como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito. (PESAVENTO, 2004, pp. 14 e 15).

A Nova História Cultural, por tudo que foi acima mencionado, vai fazer ressalvas (sem, no entanto, negá-la) ao conceito de mentalidades por classificá-lo ambíguo e excessivamente vago. No entanto, a Nova História Cultural não nega a aproximação com as outras ciências humanas, admite o conceito de longa duração e aceita os temas do cotidiano. Conforme assegura Vainfas: “os historiadores da cultura (...), não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não recusam, pelo contrário, a aproximação com a antropologia e demais ciências humanas, admitem a longa duração e não rejeitam os temas das mentalidades e do cotidiano. (VAINFAS, 2002, p. 56).

Além disso, a Nova História Cultural quer também se aproximar das massas anônimas. Podemos, portanto, afirmar que a Nova História Cultural revela uma especial afeição pelo informal, por análises historiográficas que apresentem caminhos alternativos para a investigação histórica, onde as abordagens tradicionais não foram. E foi neste mar de

possibilidades que vários historiadores passaram a navegar. Nosso intuito é navegar, também, por estes mares, onde a história e geografia, juntamente com imagens, mapas, possam dar conta de propiciar um melhor entendimento do bairro Benfica, enquanto espaço da educação.

Outro pensador da Nova História Cultural que nos chama atenção é Roger Chartier, pertencente a uma geração contemporânea do declínio das mentalidades na França. Chartier concorda com as discussões lançadas por Ginsburg por também rejeitar a visão dicotômica “cultura popular X cultura erudita”, em favor de uma visão, digamos, mais abrangente, que, no limite, valoriza o dimensionamento da cultura em termos de classes sociais. Para tanto, ele propõe um conceito de cultura como prática, e sugere para seu estudo as categorias de representação e apropriação. (CHARTIER, 1990, p. 38).

Representação passa então a ser analisada como algo que permite ver uma coisa ausente e que, segundo Chartier, seria mais abrangente que o conceito de mentalidades, uma vez que o ausente em si não pode mais ser visitado. PESAVENTO (2004, p. 40) lendo o conceito de Chartier reafirma que, “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.

Se o objetivo central do conceito de representação é trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo, o de apropriação, segundo CHARTIER (1990, p. 26) é “construir uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais”, que são o social, o institucional e, sobretudo, o cultural.

Assim, para o historiador da cultura, isso é muito importante ressaltar, o passado só chega aos dias atuais por meio das representações. Como afirma PESAVENTO (2004, p. 42), “a rigor, o historiador [da cultura] lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele”.

No transcorrer das discussões sobre a Nova História Cultural, surgiria uma nova possibilidade de investigação histórica, como fazendo parte do elenco de mudanças epistemológicas. Estamos nos referindo ao aparecimento da Micro-História. É nela, pois, que muitos historiadores da Nova História Cultural encontram outros caminhos de pesquisa, obtendo resultados muito satisfatórios e animadores, o que tem dado uma dinâmica nova ao ofício do historiar.

2.3 A Micro-História e sua importância na Historiografia

Para autores como Vainfas, o surgimento da Micro-História pode ser situado no debate intelectual e historiográfico das décadas de 1970 e 1980. Está relacionado, também, com a questão da crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizante e com a solução buscada pela história das mentalidades, que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico e que abordamos acima.

Do ponto de vista metodológico, a Micro-História avança nas pesquisas historiográficas por romper com a prática calcada na retórica e na estética. O trabalho dessa tendência tem sido centralizado na busca de uma descrição mais próxima do comportamento humano, empregando para tanto um modelo de ação que busca dar voz a personagens que, de outra maneira, ficariam no esquecimento. Segundo LEVI (1992, p. 42), a micro-história possui, portanto, um papel muito específico dentro da chamada Nova História Cultural: qual seja, o de “refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interpreta os textos e não os próprios acontecimentos.

Outro historiador que nos alerta para a importância da Micro-História é Luís Reznick, destacando neste caso, uma relação de proximidade da História com uma rede de relações plurais e seus significados.

O espaço local, alçado em categoria central de análise, constitui uma nova possibilidade de estudo no quadro das interdependências entre agentes e fatores determinantes de experiências históricas eleitas pela lupa do historiador. Nessa nova concepção, cada aparente detalhe, insignificante para um olhar apressado ou na busca exclusiva dos grandes contornos, adquire valor e significado na rede de relações plurais de seus múltiplos elementos constitutivos. (REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2017).

Portanto, o historiador de orientação micro-histórica, amparado pelos conceitos da Nova História Cultural discutidos anteriormente, pode “enxergar” acontecimentos, fatos que a historiografia tradicional não enxergaria, e trazer à tona dados que estavam adormecidos. Portanto, sua análise é mais criteriosa, justa e democrática. Colaborando com esta percepção. Reznick argumenta que:

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais. (REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2017).

É possível, então, afirmar, conforme LEVI (1992, p. 139), que “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”, o que não aconteceria numa abordagem tradicional. A descrição micro-histórica serve para registrar uma série de acontecimentos ou fatos significativos que, de outra forma, seriam imperceptíveis e que, no entanto, podem ser interpretados por sua inserção num contexto mais amplo, ou seja, na trama do discurso cultural.

A Micro-História, portanto, visualiza peculiaridades ainda não observadas, ou seja, a busca do singular, a possibilidade de verticalizar, ou num outro sentido, personalizar um estudo, podendo chegar, assim, tão próximo em relação à vida de uma única pessoa e de seu contexto social mais próximo, sem, contudo, pretender estender suas explicações a outros contextos que não o que está sendo focalizado. O tom, no mais das vezes, das obras micro-históricas é próximo ao coloquial, permitindo que não iniciados possam ler todo um livro sem precisar consultar obras “mais gerais” no sentido de buscar um entendimento global. A obra micro-histórica é autoexplicativa, e por isso única. Suas análises não devem (e nem pretendem) ser estendidas além de seus muros comunitários da explicação, bem à moda geertziana da antropologia interpretativa.⁴

Pela sua particularidade, a obra micro-histórica é bastante subjetiva e, em certo sentido, dependente de intuições e de uma incansável observação para ler nas entrelinhas. Lembrando Ginzburg, é analisando processos judiciais da Inquisição que o autor remonta à vida de Menocchio, o Moleiro. Nesse sentido, o ofício do historiador seria próximo à atividade do detetive e do médico, que, pelos indícios e pequenas provas, reconstroem um mundo de significação, no caso do detetive, o crime, no caso do médico, a doença. Porém, a liberdade de

⁴ Antropologia Interpretativa ou Antropologia Hermenêutica fundada por Clifford Geertz. É um estudo que pretende entender "quem as pessoas de determinada formação cultural acham que são, o que elas fazem e por que razões elas creem que fazem o que fazem". *Rever - Revista de Estudos da Religião*. PUC- SP. Nº 3 / 2001 / pp. 126-133. (Wikipedia, acesso em 23/03/2017).

que se vale o historiador não deve prescindir de provas, muitas vezes somente vislumbradas na vida de protagonistas anônimos da história.

2.4 História oral como recurso metodológico

A contribuição da memória a partir da história oral para pesquisas em várias áreas não é fenômeno recente. Em muitos casos, o método da história oral é utilizado por pesquisadores sociais que não se consideram historiadores orais. Podemos exemplificar isso, na figura dos jornalistas, que podem estar escrevendo história, utilizam a história oral em seu trabalho, mas não o consideram como parte de uma história oral. O papel da história oral é, na maioria dos casos, um suplemento às fontes existentes, recorrendo-se a ela para a proposição de novos problemas a serem considerados. Isso não diminui a importância da evidência oral, pelo contrário, o impacto de uma nova evidência oral na pesquisa historiográfica fará emergir novas questões e, por consequência, um novo olhar sobre o objeto de pesquisa.

Muitos são os exemplos em que a memória contextualizada na história oral se revela elucidadora e fornecedora de evidências através de entrevistas em relação aos documentos. É o caso contado por Thompson, quando trata da biografia social e industrial de Henry Ford, sua empresa e a indústria automobilística, escrita por Allan Nevins, onde ele “demonstra como a evidência oral pode expor, com muito mais clareza do que documentos, os métodos de trabalho de um grande inovador”. (THOMPSON, 2003, p. 107).

De modo mais geral, as fontes orais dadas pelos testemunhos das pessoas comuns, que trabalharam nas mais variadas atividades profissionais, construindo paredes, calçamentando ruas, colocando telhados, abrindo estradas, ornamentando e cuidando de jardins, policiando as noites, ensinando a ler e escrever, pouco ou nada contribuíram para a materialização da documentação escrita, em muitos casos da historiografia existente. Esse processo atualmente vem se modificando e colocando a evidência oral como método de estudo adequado, principalmente, onde os registros escritos são inadequados e, frequentemente, incompreensíveis, quando as informações oferecidas são demasiadamente técnicas e versam sobre normas gerais, às vezes não permitindo uma leitura das particularidades inseridas naquele período.

A produção de depoimentos, utilizando-se a História Oral como metodologia, é um caminho extremamente rico para poder desvendar questões, abrir novas problemáticas. Vale salientar, contudo que, durante muito tempo, os historiadores tiveram um preconceito muito grande em relação ao que se convencionou chamar de História Oral. Até mesmo muitos

adeptos da História Oral lidam com ela como se seu papel fosse somente colher depoimentos, vendo-os como resultado final dos seus trabalhos.

Na presente pesquisa, a história oral como metodologia possibilita “estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho” (AMADO e FERREIRA, 2002, PAG. 17), ampliar, neste nosso caso, fontes de pesquisa e indicar sobre como devemos proceder e transcrever os mais variados tipos de entrevistas e reconhecer a relação de causa e efeito que cada uma delas terá no âmbito da pesquisa. Mas história oral não consiste somente em entrevistar, gravar e transcrever os depoimentos, é preciso um roteiro articulado às hipóteses do trabalho. A história oral se produz com uma metodologia para produção de uma fonte. Quando se realiza uma entrevista, esta não é a história elaborada, produzida pelos historiadores, é apenas uma fonte que você vai usar para edificar um conhecimento histórico, político, analítico e interpretativo.

Diante dessa nova perspectiva metodológica da história, a relação dos homens com a memória se modifica. As imagens antes mudas, as vozes caladas, as lembranças e os testemunhos orais ganham ânimo e fundamentam o que chamamos de História Oral. Seu maior mérito, segundo THOMPSON (2003, p. 143) está em consolidar a ideia de que, “quem dela se utiliza para registrar as evidências, também se conscientiza de que qualquer atividade está, irremediavelmente, inserida num contexto social”. A História Oral flexibilizou as fontes, multiplicou os pontos de vista, permitiu registros mais democráticos e, porque não, mais justos, uma vez que libera a convocação de depoentes. Com certeza, contribui com uma construção histórica mais próxima possível das verdades humanas.

Trabalhar com História Oral pode também fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado ou que foi, muitas vezes, expurgado dos depósitos de memória: arquivos, armários e estantes. Em particular, a pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejaram nos passar. O pesquisador não pode se contentar em apenas preencher as lacunas deixadas pelos manipuladores da memória. Assim, na investigação, aqui apresentada, nos preocupamos com o recuperar memórias, reacender utopias, caminhos ainda não experimentados, fracassos, silêncios, formas de resistências. Por isso, se coloca a necessidade de ouvir os sujeitos envolvidos no processo educacional, captar suas experiências e perceber melhor as problemáticas, estabelecer a interlocução de fontes e abrir um campo de possibilidades.

Nossa proposta no presente estudo é buscar compreender, muito mais do que explicar. Para tanto construímos narrativas a partir dos registros orais das vozes,

principalmente de moradores, alunos, professores, funcionários e outros usuários do bairro Benfica. Buscamos inspiração na arte da narração de Walter Benjamin: “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 1985, pp. 106 e 107).

Para o autor, a ausência de narradores parece indicar que “o avanço do progresso técnico faz desaparecer a cada dia a arte de narrar”. (BENJAMIN, 1985, pag. 106 e 107). Dessa forma, a História Oral, enquanto método de investigação, possibilita a recuperação da narração, possibilita o ato de rememorar, de promover o encontro entre os sujeitos para compartilhar experiências e divulgá-las em forma oral e escrita. Fonseca discorre que,

“(…) as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: historiador e entrevistado. A história oral (...) constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas”. (FONSECA, 1997, p. 39).

Enquanto Thompson:

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções de experiências e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 2003, p. 137).

Não obstante, a história oral é a forma de evidenciar que nem tudo foi escrito, que nem tudo foi lembrado, que existe sempre algo mais, que complementa e dá maior sentido às coisas, principalmente se a pesquisa se desenrola sobre um tema da história ainda bem presente na memória das pessoas. Do mesmo modo, pode acontecer que, através das entrevistas, o que era tido como certo e verdadeiro pelos documentos possa entrar num jogo de dúvida e/ou negação. Sem dúvida é esse processo que constrói a história.

Contudo, a história oral – no que tem de melhor – exige que reconheçamos e negociemos esses dilemas e que ponderemos as consequências pessoais e políticas da pesquisa histórica. Tais negociações podem ser desafiantes e até dolorosas, mas, para mim, são compensadoras e meu espírito se eleva quando um aluno volta de sua

primeira entrevista arrebatado pelo contato com a história viva, quando a filha de um entrevistado telefona para dizer quanto seu pai apreciou a oportunidade de voltar os olhos para seu passado, ou quando uma nova publicação de história oral destrói mais um mito, ou rompe mais um silêncio. (FERREIRA e FERNANDES, 1998, p. 61).

Para que a história oral venha a contribuir sobremodo com a pesquisa, é necessário objetividade e clareza com as perguntas e, principalmente, um conhecimento prévio sobre o entrevistado, sua condição de vida, seu nível intelectual, sua idade etc., pressupostos que podem auxiliar o entrevistador e facilitar o engajamento de quem pergunta e de quem responde. Slim e Thompson concluem que é fundamental ter em mente estas diferentes dimensões conceituais e culturais das entrevistas e da informação histórica:

Uma parte vital de qualquer preparativo para um projeto de testemunho oral é obter informações sobre o que o antropólogo britânico Charles Briggs descreve como “repertório comunicativo” das pessoas: suas formas particulares, seus eventos especiais, suas categorias de fala e seus tabus. A regra mais fundamental é ter sensibilidade para com os modos habituais de fala e comunicação e permitir que as pessoas falem segundo seus próprios termos. (FERREIRA e FERNANDES, 1998, p. 50).

Os historiadores orais devem utilizar estratégias em suas entrevistas. Conhecer o terreno onde estão pisando, isso favorecerá o desempenho almejado e resultará num entendimento de melhor qualidade. É também de grande importância a preparação das perguntas, conversar um pouco com o entrevistado antes dos questionamentos, a necessidade de fazer uma ligação entre ele e o tema da pesquisa pode demandar algum tempo e é necessário disciplina e paciência. Às vezes, ouvir e fazer perguntas abertas é o melhor início de uma boa entrevista. Sempre não esquecer que a presença do gravador deve ser minimizada, evitando com isso o problema da timidez. Enfim, o entrevistador precisa estar constantemente alerta para perceber qual a boa prática de entrevista em culturas e circunstâncias particulares.

Mesmo diante de toda a defesa responsável que se faz a história oral, é pertinente ressaltar que na pesquisa que ora empreendemos outra fonte de pesquisa tem em si um grande potencial para análise: as fontes escritas. O que determina a importância das fontes orais é, na verdade, a possibilidade de uma dimensão mais ampla de se conseguir algo mais penetrante, mais “humano”, principalmente pela proximidade temporal entre o período escolhido para a pesquisa (1938 a 1968) e o tempo presente. Desta forma, a história oral contribuiria segundo JUCÁ (2003, p. 54) “(...) como uma maneira de dar voz aos que por algum motivo não têm uma história contada”. Diante do exposto, é determinante frisar que nesta pesquisa, uma fonte não exclui a outra e nem se torna parâmetro absoluto para constituir o cenário da história. Há

uma relação de contribuição e reconhecimento de cada uma como metodologia e de alternativa ou complemento a outra. Prins deixa bem claro esta relação:

A questão é que o relacionamento entre as fontes escritas e orais não é aquela da prima – dona e de sua substituta na ópera: quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco, isto está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem. (PRINS, 1992, p. 166).

Nesta pesquisa não há o propósito de restringir as discussões teóricas à pergunta sobre o valor desta ou daquela metodologia no trabalho de pesquisa, mas de construir através de uma visão mais ampla do objeto de pesquisa, um enfoque capaz de contribuir para a ampliação dos estudos dedicados à história da educação, especialmente, quando os documentos oficiais não conseguem ultrapassar os limites da estrutura política, administrativa e episcopal vigente. Neste caso, com vistas a uma compreensão mais ampla das práticas educativas no bairro Benfica, a partir do reconhecimento acerca da importância da subjetividade, propondo uma opção de modelo interpretativo da realidade que possa estabelecer novos parâmetros de se trabalhar história.

2.5 A história da educação do tempo presente

A pesquisa da história da educação do tempo presente exige “rigor teórico-metodológico igual ou superior à história de outros períodos, pois se faz necessário um sentido de direção com uma constante vigilância da nossa não neutralidade, principalmente porque estamos mergulhados numa atualidade, ou melhor, numa contemporaneidade que somos nós mesmos. Aprendemos que: (a) “oposição presente/passado não é um dado natural, mas, sim, uma construção”; (b) “a visão de que o mesmo passado muda segundo as épocas e que o historiador está submetido ao tempo em que vive”; e, por último, compreender ‘o passado pelo presente’”. (LE GOFF, 2003, pp.13-24).

Com efeito, se aceitarmos a relação de continuidade, sem fragmentação do presente e do passado e se entendermos que todo historiador pesquisa o passado a partir do seu tempo, que é o presente e do seu espaço social (hoje), poderemos aceitar que a história da educação do tempo presente pode modificar a história da educação do tempo passado. E, portanto, a história da educação do tempo presente é determinante das descobertas da história da educação do passado.

Dessa forma, nosso olhar para as práticas educativas no bairro Benfica, a partir de relatos dos moradores, alunos, professores e funcionários das instituições educacionais e outros segmentos que vivem e/ou convivem durante uma parte do dia no referido bairro, foram desbravadores sobre o cotidiano vivido naquele espaço por estes referidos grupos. Mesmo assim, preciso ter o entendimento que o meu ponto de vista não é superior aos outros, as minhas fontes orais estão, também, convencidas de ter vivido experiências, que poderão nos dar novos significados as práticas educativas.

Esta busca das informações, a partir das narrativas dos grupos acima elencados nos apresentam muitos problemas que precisam ser solucionados, estamos querendo entender como se desenrolam as práticas educativas de um bairro na cidade de Fortaleza, a partir de grupos que ali residem, e/ou estudam, e/ou trabalham ou apenas frequentam seus espaços. Por isso nos vem à mente que todo mundo tem o direito de falar do passado, mas todo mundo não pode fazer da mesma maneira. O perigo é que os historiadores de hoje abandonem essa postura em função de “combates”, mesmo se as causas sejam perfeitamente legítimas. Não estamos buscando nesta pesquisa a confirmação de ideias generalizantes que tanto povoam a cabeça de pesquisadores interessados na percepção tradicional de práticas educativas. Esta é uma questão que entendemos não somente na perspectiva teórica, mas dentro de um viés onde se relacionam a educação, a cultura e o lazer.

É dentro deste quadro teórico da história do Tempo Presente que puxamos o fio condutor de nossa pesquisa e onde as questões de memória se colocam e nos fazem confrontar com a palavra de outras pessoas. É diferente da pesquisa sobre tempos mais distantes. Lembramos aqui do historiador Jacques Le Goff e dos seus estudos sobre o período medieval europeu. Tudo o que ele apresentou sobre esse período não foi contestado pelos medievos. Não haverá testemunha viva desse passado. Ao escrever sobre o tempo presente, a qualquer momento e, principalmente, após a publicação desta pesquisa poderá surgir uma testemunha e afirmar que estamos equivocados. Testemunhas da contemporaneidade, que viveram entre o século XX e o XXI, o mesmo período dos entrevistados e, também, o nosso. É preciso, então, numa pesquisa oral conduzida por um historiador, sobre a história do tempo presente realizar um trabalho de seleção das fontes, e esse trabalho não pode ser feito sem um mínimo de questionamentos e de hipóteses prévias, mas tampouco deve se fechar à surpresa da descoberta. E este é um dilema real que pode surpreender.

É assim que vemos nossas fontes orais, muitas delas se contrapondo ao que detínhamos sobre as práticas educativas no bairro Benfica. Essas memórias vão colorindo, transformando o que já havia sido posto, pronto. Essas memórias começaram a fazer parte das

nossas discussões epistemológicas, nos desafiando na busca de uma compreensão dessa relação, entre o que sabíamos e agora, o que os outros nos fizeram saber. Como argumenta Rousso:

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (ROUSSO, 2000, p. 94).

Neste texto, Rousso levanta a ideia de que a representação é alcançável por meio da memória de quem a configura. Diz que as representações do passado, compartilhadas e aceitas por um grupo ou fora dele, faz às vezes de memória coletiva. Assim, entendo ser imprescindível uma aproximação com o conceito de memória e de como ela evoluiu dentro do contexto da historiografia e da história da Educação.

2.6 A história da memória

O responsável pela introdução da memória como objeto de análise nas ciências sociais foi Maurice Halbwachs que, em 1925, desenvolveu alguns estudos sobre essa temática e configurou uma espécie de sociologia da memória. A partir daí continuou a se preocupar com o assunto, desenvolvendo pesquisas que trataram da memória coletiva, o que culminou na publicação póstuma de sua obra de referência nessa vertente de estudos. A memória coletiva.⁵

Halbwachs encarava a memória como motivo de coesão social, seria uma espécie de adesão afetiva ao grupo, levada a cabo por um mecanismo alternativo (não a violência) para convencer o outro. Nesse sentido, o autor tirou do grupo qualquer conflito interno, o que fazia com que a memória coletiva parecesse homogênea e sem qualquer tipo de negociação e desentendimento. Destaca-se, ainda, o fato de Halbwachs ter seguido uma corrente durkheimiana, isso porque tratou os fatos sociais como coisas, o que ficou claro em todo o texto e orientou suas análises no caminho de conceber a memória como se fosse uma construção de uma comunidade afetiva. Atestou que cada memória individual era um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que essas lembranças sempre estavam de acordo com valores em comum e fatos que interessavam a determinados grupos e não a outros. (HALBWACHS, 1990, pp. 33-34; 51).

⁵ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

No interregno de tempo entre os estudos levados a cabo por Halbwachs até as novas pesquisas sobre a memória que se fortaleceram a partir dos anos de 1970, houve uma certa marginalização ao tema, devido a outras metodologias e teorias que se impuseram no campo da história ou das ciências sociais. O marxismo, o estruturalismo e a história serial se voltaram a questões concretas da sociedade, dando mais atenção às análises sociais e econômicas, empregando estudos estruturais ou conjunturais, nos quais as questões subjetivas, o cotidiano ou o tempo curto, perspectiva temporal por excelência da história oral e da memória, foram colocados no ostracismo da pesquisa histórica.

Esse quadro começou a mudar quando os historiadores perceberam que seu papel como fazedores da história e conhecedores das dinâmicas e processos que permeiam as teias sociais começou a ser ocupado pelas novas disciplinas em ascensão: Psicologia, Antropologia, Linguística e a Sociologia, o que fez com que se iniciasse um movimento reativo que empreendeu discussões epistemológicas sobre o como fazer história a partir dali. CHARTIER (1990, pp. 13-14) ressalta que os historiadores valeram-se das práticas metodológicas e das bases teóricas dessas disciplinas que os atacavam e a atenção se desviou das hierarquias para as relações, das posições para as representações.

Novos objetos e fontes passaram a fazer parte do cardápio historiográfico, o que possibilitou uma gama de estudos e perspectivas de análises, dentre as opções, surgia, a partir dos anos de 1960, ainda como uma via alternativa, as questões levantadas pela chamada história oral. Nesse campo de estudos não se formou uma escola histórica como os *Annales* ou a historiografia inglesa, ambos voltados para os novos estudos culturais. Daquele momento em diante, no entanto, as interrogações e as preocupações que as fontes orais causaram fizeram com que muitos pesquisadores, de diversas escolas e correntes historiográficas, se dedicassem ao assunto.

Entre os autores que deram destaque para esse debate no momento em que a história oral se desenvolvia, está Pierre Nora. Num texto que se tornou leitura obrigatória para quem viesse a se preocupar com a questão da memória, Nora começou a rever as proposições de Halbwachs sobre a temática.⁶ O ponto chave, de início, ligou-se à inter-relação entre o coletivo e o singular. Não que Halbwachs tenha negado o individual, pelo contrário, reconheceu-o, mas como integrante determinado do coletivo, ponto que entrou em desacordo com as novas percepções sobre a dinâmica coletivo/indivíduo. Propunha-se, a partir daquele

⁶ Ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n° 10, dez. 1993.

momento, que, mais que integrante, o singular tinha papel destacado nessa relação, pois possibilitava entender as relações internas estabelecidas intragrupos, que não eram, como pensava Halbwachs, passivas e sem desentendimentos. A memória seria, pois, o resultado de negociações e relações conflituosas, relações de imposições e hierarquias que, vista de fora, pareceria algo harmonioso e de coesão afetiva. Portanto, no instante em que o indivíduo voltou a ser preocupação dos pesquisadores, com ênfase a partir dos anos de 1960, pôde-se compreender que as subjetividades eram latentes e que a análise dessas relações entre pessoas e grupos seria bastante fértil para as novas metas dos historiadores.

Não se pode esquecer, e isto é crucial, que os lugares e contextos dos quais emergiram estudos sobre a memória são diferentes no que tange a Halbwachs e a história oral dos anos de 1960. O primeiro escrevia num momento em que as consequências da Primeira Guerra Mundial estremeceram certezas e estruturas sociais e econômicas, fomentando nacionalismos extremos. A segunda apareceu dentro de uma revisão epistemológica interna à disciplina, que buscava recuperar-se do abalo sofrido naqueles anos. Além disso, com o passar do tempo, o mundo entrava num processo de globalização cada vez mais acelerado, o que fez com que Nora percebesse que as tradicionais formas de transmissão de memória entre as gerações estavam mudando. Ao atentarem para o desenvolvimento vertiginoso dos meios de comunicação, a verticalização do espaço e o aceleração da vida pós-moderna, os historiadores notaram que a memória tradicional, tal qual a encarada por Halbwachs, perdia suas bases de sustentação, o que abria espaço para uma transição da memória para a História como referente de compreensão de si na esfera global. Tudo isso apontava para uma reestruturação das formas de se tomar a memória como objeto e fonte de pesquisa.

É importante notar que tanto a memória, como os meios de encará-la mudaram, já que o mundo mudou. Na sociedade global, cada vez mais dinâmica e acelerada e que rompeu as antigas fronteiras e maneiras de relacionamentos entre os indivíduos, a memória foi afetada e a sua transmissão alterada. Houve o desmoronamento de memórias tradicionais inteiras, seja dos camponeses ou do mundo operário, o que criou um mundo social sem duração. Observou-se a criação de vários grupos e de desenraizamentos, o que aos poucos minou a memória tradicional, viva. Também os fins das escatologias revolucionárias e das visões teleológicas obscureceram o horizonte de expectativas determinadas pelo motor da história, o que deixou os sujeitos sem referentes, ligados sempre ao presente.

No presente conturbado, há uma dinâmica tensa na qual ao mesmo tempo em que a memória se dissolve, aparece um movimento reativo que quer recuperá-la. Trata-se, todavia, de uma memória que não é natural, mas sim externa, criada a partir de uma necessidade que

não tem os meios de se suprir. Daí a resistência de chamar essa memória de coletiva, pois se trata de um consenso fabricado, vindo de fora, não é uma opinião coletiva que, mesmo com desentendimentos e heterogeneidade, seria concebida dentro do grupo. Coube à história e aos arquivos a conservação e transmissão da memória de maneira geral. Assim apareceu a ideia de NORA (1993) de “lugares de memória”, já que ela não aparece e não se mantém de forma natural, mas precisa de locais onde são conservadas para que não se percam, e, diga-se de passagem, conservadas de forma artificial. É por isso que são “lugares” de memória nos três sentidos da palavra: material, funcional e simbólico.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número e do outro lado uma maioria que deles não participou (Nora, 1993: 22).

Os lugares de memória, nesses termos, nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso investigar, criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notarizar atas, o que consiste em operações que não são naturais. Para NORA (1993, p. 13), “os lugares de memória são meios de acesso a uma memória que não é memória, mas história, pois foi reconstituída por meio de vestígios, uma memória reivindicada e não espontânea. Não seria uma memória construída no grupo, mas para o grupo pela história”.

Talvez resida o motivo devido ao qual a história oral ganhou força nas últimas décadas. Ao procurar resgatar essas memórias que se perdiam, para utilizá-las como objeto e fonte de análises historiográficas, os historiadores desenterraram lembranças que se apagavam e abriram feridas que permaneciam escondidas ou fechadas. Esta memória que estava pluralizada, fragmentada, invadiu o território do historiador e tornou-se ferramenta importante para compreender-se os vínculos sociais e as identidades individuais e coletivas. Essa aproximação entre história e memória levou a refletir sobre os danos causados por traumas coletivos, além de reagir ao negacionismo presente na década de 1980, que tentava assassinar a memória sobre a Segunda Guerra Mundial. (DOSSE, 2004, pp.183-188).

Atente-se ao fato de que essa aproximação não configurou uma confusão entre história e memória, mas uma alternativa para o trabalho do historiador. Nos estilhaços da memória, nos atos falhos e sonhos, o objetivo é chegar a algo inteligível e aceitável, com o apoio da prática psicanalítica (DOSSE, 2004, pp. 180-181). Vê-se, portanto, que apesar de a memória ter hoje outra acepção, ela não se separa da história como assim queria Halbwachs.

Na verdade, a história vale-se da memória para chegar a interpretações e informações que outras fontes, talvez, não pudessem viabilizar, o que contribuiu para o alargamento das possibilidades de conhecimentos dentro dessa nova história que ainda se estrutura. Como defende JOUTARD (2000, p.35), “a história oral, tem mais que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história diante da memória de testemunhos fragmentados que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível”. Desta forma, a memória irriga a história e esta, submete a memória à crítica.

Está claro que o debate sobre a história oral e a memória ainda levanta muitos problemas e virtudes, o que submete este método de análise a revisões frequentes e a constante busca por novas formas de abordar as fontes orais. Questões à parte, deve-se atentar que essa nova relação história/memória levou a transformações interessantes, como observou Michael Frisch. Com a história oral ganhando terreno e a memória sendo rediscutida, é inegável que a memória subverteu a história, na medida em que estimulou revisões epistemológicas e indicou outros caminhos e possibilidades de se fazer história.

Não obstante, a história também subverteu a memória. O que dizer do fato de que a história, a partir do momento em que recuperou e estimulou memórias escondidas e caladas, expôs problemas que estavam velados no seio da sociedade, trazendo os excluídos ao centro do debate. Como exemplo, têm-se os casos dos negros nos EUA ou no Brasil, dos homossexuais, dos imigrantes, das mulheres etc. (THOMPSON; FRISCH; HAMILTON, apud AMADO e FERREIRA, 2002, pp. 76-77). Isto é, na História, esses grupos encontraram válvulas de escape para suas lembranças, enriquecendo ainda mais os assuntos e as fontes para a história oral e para a história em geral.

Dessa forma entendo que a história oral é hoje uma dimensão da história, sendo um objeto recorrente. Deixou de ser apenas fonte, como o era nos anos de 1960, passando à metodologia da história. Sem este recurso metodológico, iniciativas de recuperar trajetórias de grupos, pessoas, instituições, governos poderiam se tornar algo intangível, em especial, quando se quer “esquecer o passado” deixá-lo se apagar da memória de pessoas e grupos. Reforço diante do exposto a nossa intenção a partir das narrativas de pessoas dos grupos escolhidos de vislumbrar as práticas educativas no bairro Benfica. Consideramos, então, que a minha pesquisa tem uma temática importante e um fio condutor que é a história oral e a memória.

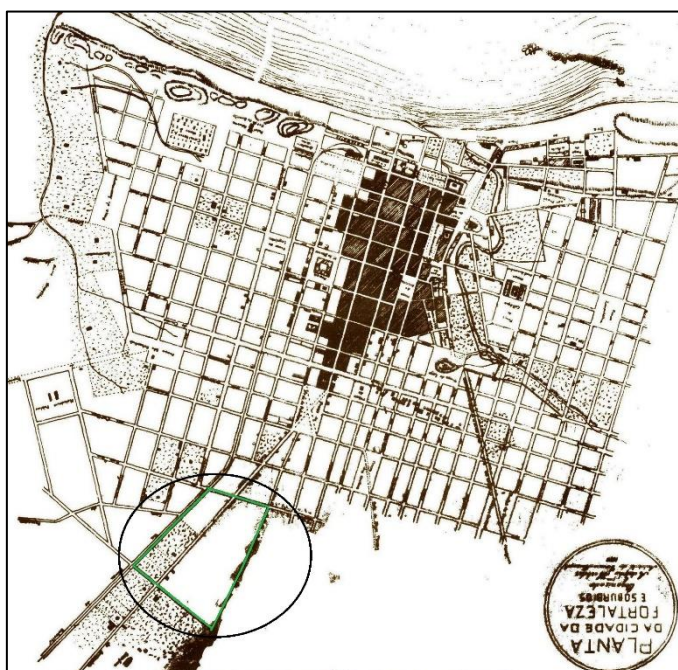
3 EVOLUÇÃO SOCIOESPACIAL DO BAIRRO BENFICA

Para discorrermos sobre a evolução socioespacial do bairro Benfica é indispensável apresentar um breve histórico, na perspectiva de que possamos perceber sua gênese e alguns fatos que marcaram essa evolução. Evolução que se deu principalmente no século XX, transformando-o de bairro residencial para uma complexidade de funções, em sua maioria relacionadas com as temáticas escolhidas em nossa análise: a educação, a cultura e o lazer.

3.1 Uma breve história do bairro Benfica

Fortaleza, em seus vários planos urbanísticos projetou e organizou espaços, onde, posteriormente, de acordo com os interesses sociais, econômicos, políticos, foram surgindo os bairros. A prova disto é que na “Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios”, projetada por Adolfo Hebbster em 1875, a área espacial do futuro bairro já tinha sido anexada a área urbana. (Figuras 2 e 3).

Figura 2: Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios de autoria de Adolfo Hebbster, 1875. Na parte inferior da planta, envolta em círculo, a área do futuro bairro Benfica.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 3: **Foto aérea da lagoa do Tauape**, em que se avista, na direção norte o conjunto de ruas e casas do bairro Benfica. Na parte inferior direita, localizava-se o Campo do Prado e a raia de corrida de cavalos que o circundava. Foto de 1936.



Fonte: Arquivo Nirez.

O bairro Benfica, portanto, é resultante da primeira expansão da então cidade de Fortaleza, que tinha seus limites definidos pelos bulevares de Adolfo Herberster, as atuais avenidas Dom Manuel, Imperador e Duque de Caxias. O Benfica será a área ocupada posterior ao centro, em direção ao sul, logo após a atual avenida Duque de Caxias. Inicialmente de casas envoltas em terreno com todos os tipos de fruteiras e a criação de pequenos animais, como galinha e, algumas vacarias para a venda de leite a população.

Com o desenvolvimento de transportes mais eficientes como o trem conectando cidades do interior a capital, acompanhado da linha de telégrafo que margeava a linha férrea, com serviços bancários mais modernos, centralizados em Fortaleza, houve a possibilidade de migração de famílias mais abastardas do interior para a capital alencarina. Mesmo distante o proprietário rural podia, agora, administrar os seus empreendimentos, a partir de sua elegante moradia, agora sediada em Fortaleza. (Figura 4).

Figura 4: **Av. Visconde do Cauípe**, atual av. da Universidade, a partir da rua Paulino Nogueira, em frente ao CETREDE, em direção ao centro da cidade, vendo-se no centro da via, a linha do bonde do Benfica. **Do lado direito:** o muro da casa de propriedade da Imobiliária Frota Gentil e onde moraram Sr. Aziz Kalil, avô do Sr. Tasso Jereissati, posteriormente o Sr. José Albuquerque Monteiro e por último o Casal Heitor e Nancy de Albuquerque Gentil, quando o imóvel junto com os outros dois desta quadra foram vendidos a UFC; o muro seguinte é o da casa de José Campos Paiva e Dna. Beatriz Gentil Campos; o próximo é o do Palacete do Cel. José Gentil Alves de Carvalho. **Do lado esquerdo:** O Muro da Chácara do Dr. Edgar Cavalcante de Arruda, atual CETREDE e FM Universitária; o muro seguinte é o do Ginásio Santa Cecília de Dona Almerinda de Albuquerque, depois vendido às Irmãs Damas da Instrução Cristã e adquirido pela UFC, atualmente é sede do curso de Arquitetura. 1938.



Fonte: Arquivo Nirez.

Dessa forma, o bairro Benfica começou a se destacar, dentro do cenário socioespacial da cidade de Fortaleza, a partir de finais do século XIX, pela construção de chácaras, cujos proprietários eram comerciantes, produtores rurais, personalidades da política e profissionais liberais conhecidos na cidade (Figura 3). A amenidade do seu clima, o verde proporcionado pelos seus mangueirais, o tornaram um bairro, muito procurado em Fortaleza. Originariamente, conhecido por ocupar a via denominada popularmente de “Estrada de Arronches” (Parangaba), o bairro cresceu sendo ocupado por construções, como dizia Gilberto Freire, um misto de casa urbana e casa de fazenda. Adolpho Caminha ao apresentar Fortaleza, em *A Normalista* (1893), descreve em tons muito sugestivos, as vivendas (sítios e/ou chácaras) existentes no bairro Benfica.

Como sentia não ser ela a querida do Zuza! Ambos com vinte anos de idade, encarando a vida por um mesmo prisma: passeios a cavalo, toaletes de verão e de inverno, como nos figurinos, com chácara no Benfica, um faetonte para virem à cidade, vacas de leite... Um maná! (CAMINHA, 1893, p. 21).

Até os anos de 1940, o Benfica continuaria a ser considerado um bairro ainda escolhido pelas classes privilegiadas da cidade. Segundo Lopes:

Na década de quarenta, ainda não havia apartamento em Fortaleza, muito menos os hoje tão cobiçados coberturas", sinônimos de 'status' da sociedade emergente e símbolo maior dos novos ricos. Naquele tempo, as famílias tradicionais moravam em grandes e confortáveis casas que podiam ser classificadas como palácio, mansão ou solar. (LOPES, 1989, p. 57).

O que torna o bairro Benfica importante na abordagem em relação ao contexto urbano de Fortaleza, é que desde o seu início, com a ascensão de famílias, que se tornaram importantes na cidade como a do engenheiro José Thomé de Saboia, os Mansos Valente e principalmente a família Gentil, o bairro vai mudando sua ocupação, que originariamente era composta de sítios e casas humildes, para a construção de grandes mansões circundadas por áreas ajardinadas, denominadas a época de chácaras, abrigando o moderno da época.

Mas, o Benfica nessa época, era mais conhecido como o bairro do palacete Gentil, na realidade muitos consideravam o bairro, uma espécie de feudo da família Gentil, e o aristocrático palacete do Coronel José Gentil Alves de Carvalho, construído como muitos outros em Fortaleza, pelo Engenheiro João Thomé de Saboia, havia se tornado símbolo de poder da família que ali residia. Estrutura magistral com suas elegantes varandas, suas colunas coríntias, seus amplos terraços, vastos jardins com estátuas e vasos vindos da Europa. Tamanho apogeu propiciava ao Benfica, nessa época, rivalizar com o Jacarecanga, como o bairro mais aristocrático da cidade. (Figuras 5 e 6).

O Aspecto estético das chácaras que denotava a condição dos moradores, fez o poder municipal inserir neste espaço vias calçamentadas em paralelepípedo e o mais moderno meio de transporte à época: o bonde elétrico. O Benfica possuía duas linhas, a do Benfica e a do Prado, inauguradas em 1913 (Figura 7). Podemos inserir nesse contexto outros imóveis, que seriam construídos em terrenos doados pela família Amaral, o que foi destinado à construção do convento das Irmãs de Caridade (Figura 8), o terreno para a construção da Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Figura 9) e o da Casa dos Padres Lazaristas (Figura 10). E nos anos de 1940, iniciou-se a instalação de escolas no bairro, em casas que foram adaptadas a nova função, como o Ginásio Americano (Figura 11), que posteriormente seria adquirido por uma congregação de freiras, que ali instalaria o Colégio Nossa Senhora das

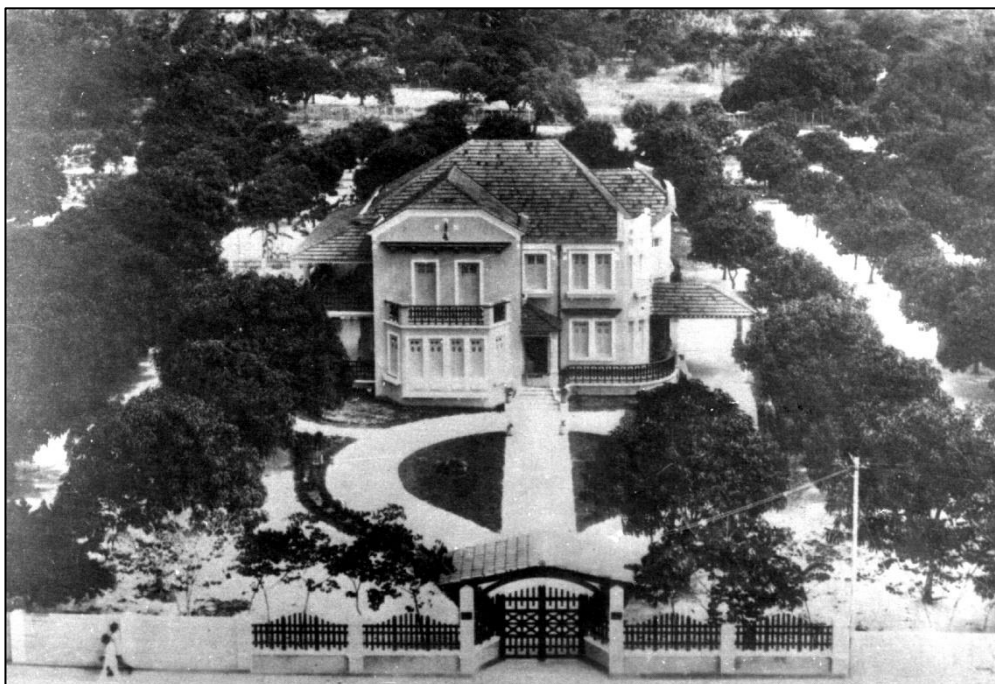
Graças e a chácara que foi adaptada para funcionar em seu espaço o Colégio Santa Cecília. (Figura 12).

Figura 5: Palacete Gentil: o Coronel José Gentil Alves de Carvalho, adquiriu em 1909, o Sítio Queluz, no bairro Benfica, onde ergueu um belíssimo palacete para ser a sua residência, inaugurado em 1918. Em torno do palacete construiu vilas e ruas com residências de vários tamanhos e estilos, praças e áreas verdes. Lugar que ficou conhecido como Gentilândia. Foto de 1947.



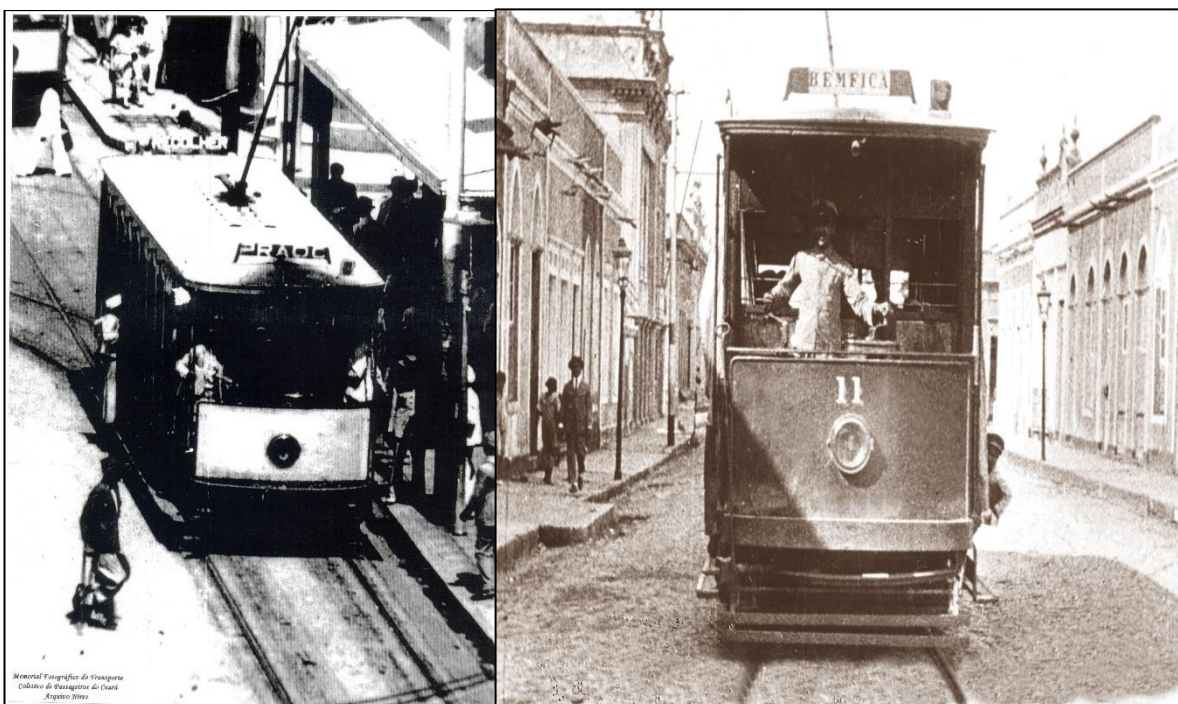
Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 6: Palacete de João Gentil, filho do Cel. José Gentil, Fotografia tirada da Torre da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, localizada em frente ao palacete, à rua Visconde de Cauípe, atual Avenida da Universidade. O imóvel foi adquirido pela UFC e em seu lugar foi erigido um prédio onde funciona o curso de Ciências Sociais. Foto de 1948.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 7: O bairro Benfica era servido pelos bondes elétricos da Ceará Light que faziam as linhas Prado e Benfica. O Prado foi o menor bairro de Fortaleza, composto apenas de uma quadra de largura, entre a rua Marechal Deodoro e Av. dos Expedicionários, e de comprimento o extremo norte era a atual avenida 13 de maio e ao sul, as margens da Lagoa do Tauape, atual avenida Eduardo Girão. Fotos de 1932.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 8: Segundo Barroso (2004), o Dispensário dos Pobres foi fundado, em 17 de abril de 1921, na chácara que pertenceu a família Amaral por ato do Arcebispo do Ceará, Dom Manuel da Silva Gomes; ficando aos cuidados das Irmãs de Caridade, também conhecidas como Filhas de São Vicente de Paulo. Foto de 1938.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 9: Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sua inauguração ocorreu em 13 de agosto de 1910, funcionando durante muito tempo como capela da Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Foi elevada a paróquia em 19 de junho de 1934, quando já era administrada, pela Casa das Missões dos Padres Lazaristas holandeses. Foto de 2017.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 10: A Casa das Missões dos Padres Lazaristas holandeses foi aberta em 31 de março de 1927, vizinha a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, capela administrada por eles. Funcionava como seminário menor e alojamento de padres vindos da Europa para trabalhar no Norte e Nordeste do Brasil. Em 1969 o imóvel foi vendido e transformado no Hospital Psiquiátrico Mira y Lopez, que preservou o prédio principal. Em 2014, foi vendida para a construção de quatro torres residenciais e o prédio foi demolido. Foto de 1931.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 11: O Ginásio Americano funcionou no palacete que pertenceu ao Sr. João gentil, o mesmo imóvel da figura 6. Posteriormente, foi a Escola Doméstica e por último funcionaria no local o Colégio Nossa Senhora das Graças, que hoje se localiza no bairro de Fátima, quando o imóvel foi adquirido pela Universidade Federal do Ceará em 12 de julho de 1958 e ali funcionaria o Instituto de Ciências. Foto de 1947.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 12: Colégio Santa Cecília, de propriedade Dona Almerinda Albuquerque, foi inaugurado em 1911, com sede em Maranguape, foi transferido em 1937 para a av. Visconde de Cauípe, atual av. da Universidade. Posteriormente foi vendido para as Irmãs Damas da Instrução Cristã. Com a desapropriação realizada pela Universidade em 1959 se transferiram para a Av. Virgílio Távora na Aldeota. Foto de 1938.



Fonte: Arquivo Nirez.

Em relação ao lazer, o Benfica, já era conhecido pelos fortalezenses, que no bairro assistiam as famosas corridas de cavalos que aconteciam aos sábados, até meados dos anos de 1940 (Figura 13), local onde hoje encontramos o prédio da antiga Escola Industrial, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, local conhecido àquela época por Prado (Figura 14). Também, contemporâneo às corridas, eram as partidas de futebol em campo localizado na área interna da raia do Prado, geralmente, essas partidas tinham como protagonistas as primeiras associações futebolísticas de Fortaleza, a maioria localizava-se no bairro, ou nas proximidades, como o Gentilândia Esporte Clube (Figura 15) e o Ferroviário Esporte Clube. Com a construção, no local, da Escola Industrial, com frente para a Av. 13 de maio, o terreno ficaria dividido ao meio por conta de abertura de uma rua aos fundos da Escola, atual rua Paulino Nogueira. Na outra parte do terreno seria instalado o estádio Presidente Vargas. Outro destaque no cenário cultural do bairro era o Recreio Iracema, inaugurado no dia 10 de outubro de 1923, localizado na Av. Visconde de Cauípe, em frente ao Dispensário dos Pobres. Este espaço serviu para a apresentação de peças teatrais. Em dezembro de 1925 seria projetado o primeiro filme intitulado “O último verão sobre a terra”. Com o encerramento das apresentações teatrais, transformou-se em Cine Benfica (Figura 16 e 17).

Figura 13: Campo do Prado em tarde de jogo entre Ceará e Maguary, no dia 05 de junho de 1927. O Campo do Prado está retratado, também, na figura 2. Foto de 1927.



Figura 14: Em 19 de Março de 1952 a Escola Industrial (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE), inauguraria sua sede própria na av. 13 de maio, em área onde existia o Campo do Prado. Foto do prédio na inauguração em 19/03/1952.



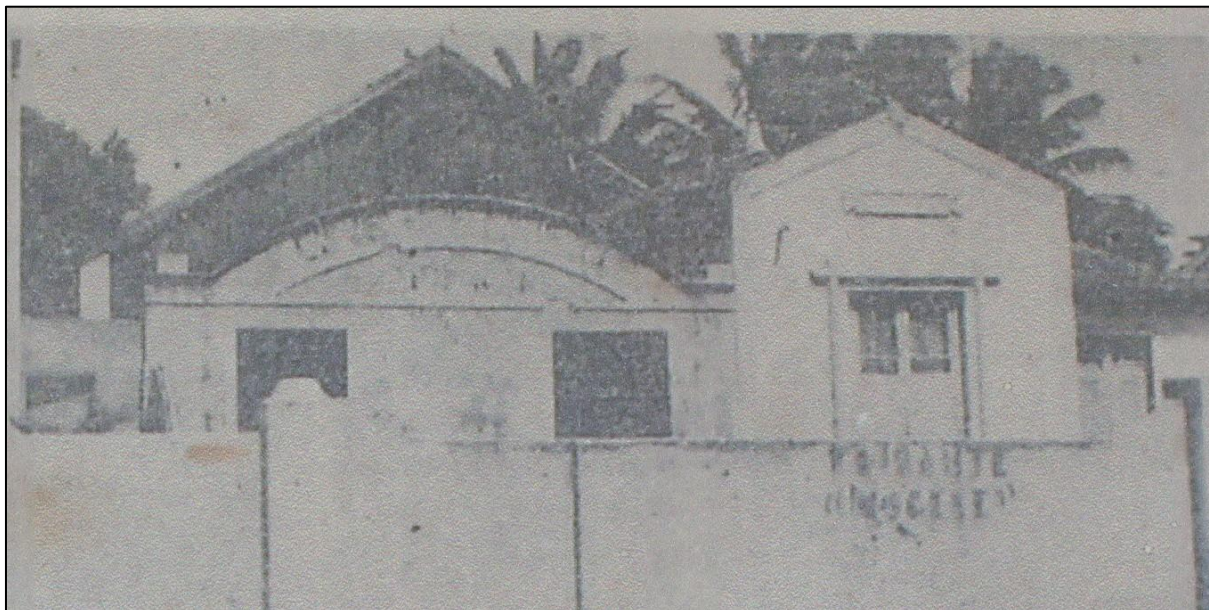
Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 15: Clube Gentilândia aberto em 1931 pelo Cel. José Gentil e que depois tornou-se o Centro de Piscicultura do INFOCS, atual DNOCS. Quarteirão localizado entre as ruas Pe. Francisco Pinto, Paulino Nogueira, João Gentil e Valderi Uchoa. O prédio foi demolido. Na época, o clube Gentilândia rivalizava com o Ideal Clube, como o melhor de Fortaleza. Foto de 1934.



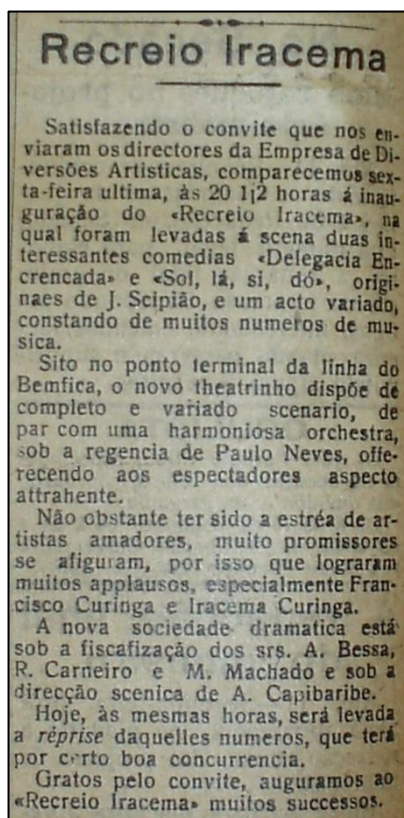
Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 16: O Recreio Iracema foi inaugurado com a apresentação da peça Delegacia Encrencada, às 20:00h do dia 10 de outubro de 1923. Em dezembro de 1925 seria projetado o primeiro filme, com o título “O último verão sobre a terra”. As apresentações teatrais ocorreram até 1927, quando passou a ser exclusivamente Cinema, passando a ser chamado de Cine Benfica. Foto de 1932.



Fonte: Arquivo Nirez.

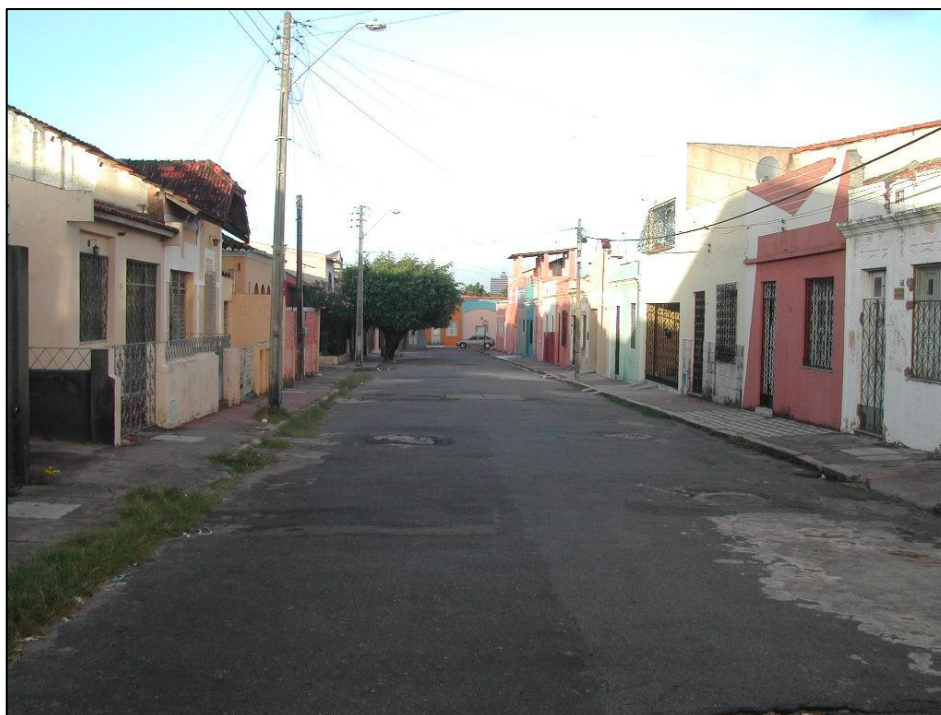
Figura 17: Notícia da Inauguração do Recreio Iracema, publicada no Jornal “A Tribuna”, em 16/10/1923.



Fonte: Jornal A Tribuna.

Com o crescimento econômico, social e político que ocorria na cidade, surgiria uma carência, à época, de residências para um segmento social intelectualizado, emergente, de funcionários públicos, profissionais liberais e médios e pequenos comerciantes da cidade. A família Gentil percebendo essa realidade, ainda na década de 1920, com a criação da imobiliária Frota Gentil iniciaria a abertura de vilas e ruas e a construção de residências para diferentes níveis de renda, em especial, casas para a classe média, em terrenos de sua propriedade que se localizavam no entorno do Palacete, onde residiam. O jornal O Povo, se referiu a esse processo de construção, denotando as qualidades do construtor: “Amigo de Fortaleza, construiu, dentro da capital, uma cidade moderna, higiênica e agradável, aquela que lhe tem o nome”. (O Povo em 12/02/1941). O interessante, nesse projeto, é a preocupação com áreas verdes, não tendo sido derrubadas sequer aquelas árvores que ficaram no meio das ruas e que ainda hoje, resistem ao tempo. É assim, que o bairro, de espaço preferido pela classe dominante de Fortaleza, vai se tomando a nível funcional um bairro residencial para uma população, em sua maioria, pertencente a classe média, aquela época, em ascensão na cidade (Figuras 18, 19, 20 e 21).

Figura 18: Rua Redenção, antiga Travessa Sobral. Conhecida, inicialmente, como Vila Gentil por ter sido a primeira vila construída pelo Cel. José Gentil Alves de Carvalho, no ano de 1928. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior

Figura 19: Vila Santana com entrada pela Rua Padre Francisco Pinto, Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior

Figura 20: Modelo de casa construída para atender a classe média. Recuada com jardim na área de entrada, quintal, e sem paredes laterais em comum com as casas vizinhas. Encontrada nas ruas Nossa Senhora dos Remédios e Valderi Uchôa. Quase todas as casas dessas duas ruas foram reformadas. Pouquíssimos exemplares conservam a fachada original. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior

Figura 21: Árvore localizada no meio da rua João Gentil, em frente ao nº 195. Foto de 2010.



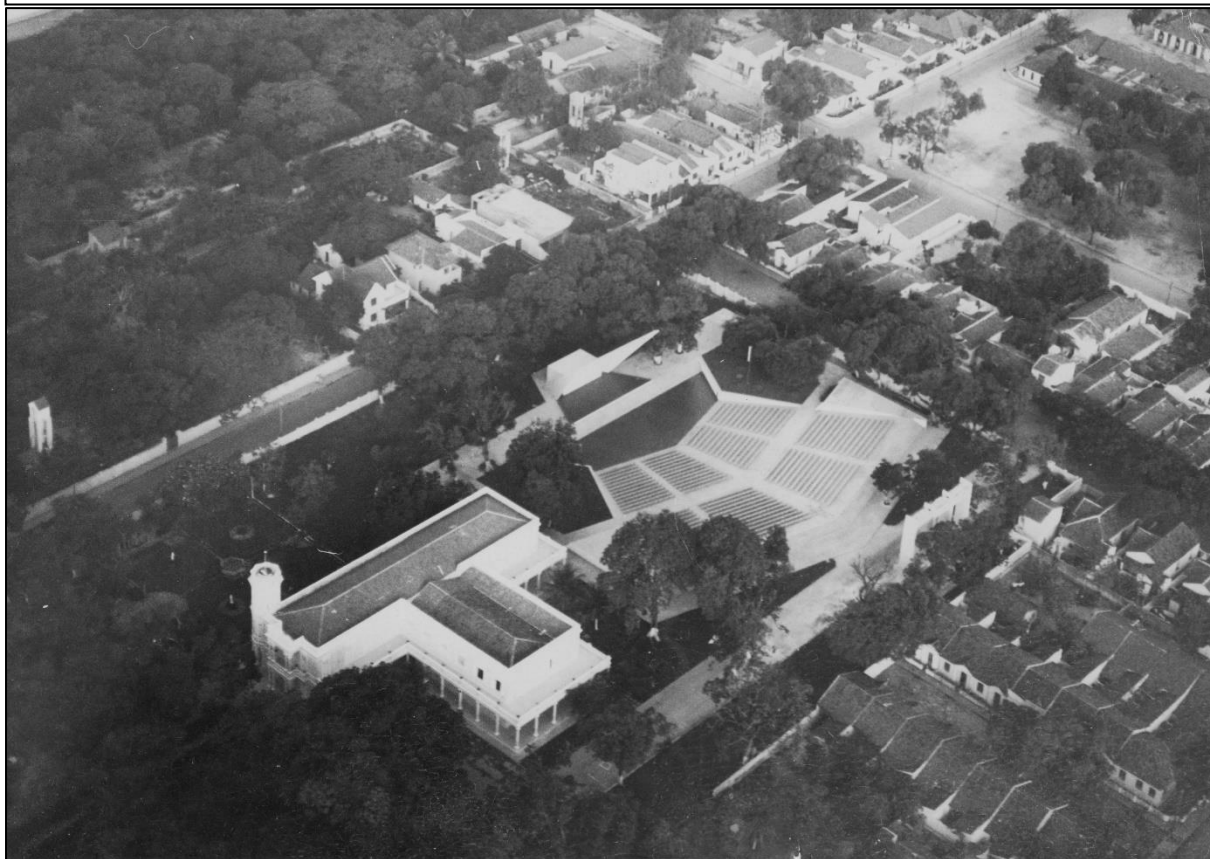
Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior

Entre os anos de 1940 e 1950, “a burguesia de Fortaleza escolhe uma nova área (a Aldeota)” LINHARES (1992, p.201), deixando assim, o Jacarecanga e o Benfica. Com isso, esses bairros iniciam um processo de deterioração e mudança funcional. No caso do Benfica, essa deterioração não foi tão sentida, principalmente pela possibilidade que existiu de aquisição através de compra dos imóveis pelos seus inquilinos. A venda dos imóveis que eram propriedade da imobiliária Frota Gentil, empresa da família Gentil, inicia-se a partir da necessidade de dinheiro para pagamentos de dívidas. Esse revés da família explica-se pelos insucessos de vários projetos econômicos que estavam ocorrendo e que vão desde a maior competitividade, a partir da concorrência com outros estabelecimentos comerciais e bancários que estavam surgindo, além dos gastos excessivos e improdutivos, próprios da burguesia, sem contar com um grande número de parentes que tinham direito à herança, trazendo como consequência, a fragmentação do patrimônio.

Esses moradores do bairro Benfica, antigos e novos, considerados aqui, em conjunto, compõem um dos grupos de análise e discussão dessa dissertação, a partir de suas práticas educativas, culturais e de lazer e pela sua maneira singular de morar e conviver no dia-a-dia do bairro, numa relação entre o coletivo e o individual. Claro que a cidade e seus bairros, de tempos em tempos, passam por processos modernizadores, às vezes de sua malha viária, reforma de fachadas centenárias de algumas casas, algumas residências transformando-se em comércios, ou a própria derrubada de residências em alguns trechos para a construção de apartamentos. Mesmo assim, os moradores do Benfica responderam a estes processos, se socializando com os novos segmentos que estavam vindo morar, estudar e/ou trabalhar no bairro. E assim, anexando valores, resistindo, criando e recriando um espaço solidário, difícil de ser encontrado em outras áreas de Fortaleza.

Um desses momentos, foi quando o bairro foi escolhido para ser espaço de um grande projeto, símbolo da modernidade, chamado universidade. Com a instalação da Universidade Federal do Ceará e a aquisição do palacete da família Gentil para receber a Reitoria, o bairro torna-se centro de cultura e educação para a cidade e o estado.

Figura 22: Vista aérea da Reitoria da Universidade Federal do Ceará em 03 de outubro de 1959, quando da inauguração da Concha Acústica. Nesta foto já é percebida a primeira reforma de ampliação do palacete e a existência de duas vilas, Santa Rita e Santa Luzia, que foram demolidas para a construção da sede do Banco do Brasil. Foto de 1959.



Fonte: Arquivo Nirez.

A instalação da UFC, de início com a maioria de seus cursos no Benfica, preenche uma lacuna na carência que Fortaleza e o estado sentiam na formação de pessoal de nível superior. A universidade vem assim suprir essa necessidade. Interessante nessa discussão é, também perceber, que mesmo sendo um símbolo de modernidade, a Universidade Federal do Ceará, conservou muitos imóveis que já existiam, adaptando-os às novas funções, o maior exemplo do que estamos relatando é o prédio da Reitoria, que originariamente era a residência da família Gentil, o famoso palacete passaria por várias reformas respeitando o modelo arquitetônico original e hoje se destaca na paisagem urbana de Fortaleza (Figura 22). Poderíamos aqui citar outros exemplos, como é o caso do imóvel onde funciona as Casas de Cultura Alemã (Figura 23), o imóvel onde funciona a FM Universitária (Figura 24), a Casa Amarela Eusélio Oliveira, centro de cursos de cultura e artes da Universidade Federal do Ceará (Figura 25) e o prédio onde hoje funciona a administração central da FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, antigo Grupo Escolar Benfica. (Figura 26).

Figura 23: Chalé construído por Francisco Queiroz Pessoa, imóvel adquirido pela UFC em 1960. Funciona atualmente a Casa de Cultura Alemã da UFC. Fonte da informação: Barroso, 2004, pag. 246 e 247. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 24: Residência de dois pavimentos, construída em 1940, pelo Dr. Edgar Cavalcante de Arruda. Adquirida pela UFC, hoje é sede da FM UNIVERSITÁRIA. Fonte da informação: Barroso, 2004, pag. 215 e 216. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 25: Residência muito antiga, localizada na av. da Universidade. Seu último morador foi o Professor Goulart. O Imóvel foi adquirido pela UFC e hoje funciona a Casa Amarela, dedicada ao cinema e às artes cênicas. Fonte da informação: Barroso, 2004, pag. 173 e 174. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 26: Grupo Escolar, construção concluída em 1923. De início denominado de Grupo Escolar Benfica, mudou para Rodolfo Teófilo. Projeto de José Gonçalves da Justa. Em 1956 o Governador Paulo Sarasate autorizou a instalação em suas dependências do Instituto do Ceará, por cessão de comodato até 1956, quando foi adquirido pela UFC. Funciona no prédio a FEAAC - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará. Fonte da informação: Barroso, 2004, pag. 149 e 158. Foto de 2010.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

A UFC como maior projeto de modernidade da época, principalmente como produtora de ideias e novos olhares para a cidade e costumes, mudaria de maneira absoluta e irreversível as práticas do cotidiano dos moradores do Benfica, pois a modernidade não se expressa somente no fixo, ela vai muito além, ela se expressa principalmente nas práticas sociais que vão anexando técnicas e movimentos novos ao cotidiano. Segundo Santos:

Os lugares redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. Os respectivos tempos das técnicas industriais e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam. Mais uma vez, todos os objetos e ações veem modificada sua significação absoluta (ou tendencial) e ganham uma significação relativa, provisoriamente verdadeira, diferente daquela do momento anterior e impossível em outro lugar. (SANTOS, 2002, p. 48).

A própria modernidade inserida no Benfica, transforma o bairro em espaço único, diferente dos outros lugares, dos outros bairros. A UFC ao instalar a Reitoria em uma mansão

e conservar o seu modelo arquitetônico, além dos outros imóveis onde foram instaladas as Casas de cultura, nada mais fez do que sobrepor ao “velho” uma nova funcionalidade, característica que também é sentida na conservação das fachadas de boa parte das residências que circundam a reitoria, principalmente na área residencial construída pela família Gentil. Pensar hoje no Benfica é pensar, antes de tudo, na sua forte influência educacional, cultural e de entretenimento que ele oferece. A sociabilidade, tão sentida naquele espaço, desde os primórdios, continua, mas ela é hoje mais fragmentada e dela participam agora, além dos moradores, outros segmentos sociais, necessitando um olhar mais atento para as teias que se formam e são decorrentes dessa sociabilidade e que aqui serão discutidas sob o ponto de vista das práticas educativas.

Em relação as residências, percebemos, em um número razoável de imóveis, a manutenção do modelo arquitetônico original, mas a nível do espaço interno desses imóveis, muito foi modificado para dar lugar aos modernos conceitos espaciais e aos novos aparelhos eletroeletrônicos que surgiram. Segundo Santos, as mudanças trazidas aos lugares são recebidas de modo diferente, num jogo dialético em que “a ordem global buscando impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. (SANTOS, 2002, p. 272).

O Benfica é um lugar singular, e como muitos outros lugares, passa também por processos de mudança. Mas a cada mudança, num jogo dialético de resistência e anseio pelo novo, as práticas sociais vão se inserindo no processo de modernidade da cidade, do país e do mundo. A prova disso é o pré-carnaval e o carnaval no bairro, onde a tradição e o modernizante se entrelaçam na busca de uma identidade para o carnaval de Fortaleza.

Uma musicalidade carnavalesca que mistura antigos e novos ritmos, ou antigas músicas e novos recursos tecnológicos, uma mescla entre músicas de Lauro Maia, Evaldo Gouveia, agora cantados em verso e prosa pelo grupo de universitários denominado Luxo da Aldeia e a batida afro-brasileira do compositor Pingo, do Maracatu Solar. Novamente o velho jogo dialético entre o tradicional e o modernizante. Muito embora, ano a ano venha aumentando a crítica de grupos, que se contrapõem aos interesses comerciais e publicitários daqueles que organizam e financiam o evento e que muitas vezes não respeitam os legítimos direitos de quem habita o entorno dos locais escolhidos para a festa momina.

O maior exemplo desse conflito de interesses foi o encerramento, nos anos de 1990, das atividades do “Quem é de Benfica”, bloco de pré-carnaval que projetou o bairro como espaço das festas mominas em Fortaleza, mas que entrou em conflito com os moradores do bairro, devido as implicações decorrentes de uma grande massa de foliões, em especial

podemos destacar como causa do conflito, o consumo de drogas, a falta de sanitários públicos e o lixo resultante do evento que ficava acumulado durante dias, esperando a coleta pública. Outro exemplo, mais recente é o do bloco de carnaval Sanatório Geral que movimentou o pré-carnaval e o carnaval do Benfica durante 10 anos, sempre com a máxima de depender exclusivamente dos recursos financeiros originários da venda de camisetas e cd's de suas músicas e que se extinguiu em 2017, por divergências internas entre seus criadores, ou a transferência para outro bairro do bloco Luxo da Aldeia que estava sendo processado por muitos moradores do entorno do espaço onde todas as sextas se realizava um grande pré-carnaval, frequentado pela geração mais jovem da cidade. As causas foram as mesmas citadas no caso do “Quem é de Benfica”. (Figura 27).

Figura 27: Bloco de Carnaval Sanatório Geral. Sua concentração se dava na Praça da Gentilândia (Praça José Gentil) onde partiam para um desfile que se iniciava na rua João Gentil, Rua Paulino Nogueira, rua Nossa Senhora dos Remédios, rua Padre Francisco Pinto, rua Redenção, rua Adolfo Webster e retornando à praça pela rua João Gentil. Foto de 2015.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Ter como tema e espaço de estudo o bairro Benfica é contemplar numa introspecção, o jogo da modernidade e sua permanente necessidade de transformação, mas é também perceber que o bairro, enquanto lugar, cria de forma permanente suas singularidades,

através do cotidiano dos grupos que ali vivem e convivem. Modernidade que não é somente percebida no Benfica, mas que nesse espaço, mas do que qualquer outro lugar da cidade de Fortaleza, desenvolve sociabilidades que são perceptíveis em sua paisagem, através da apropriação de espaços públicos e privados, a partir de práticas educativas que ali são criadas e/ou inseridas. A partir do conagraçamento das famílias que ali residem, pelos encontros dos estudantes, dentro e fora da universidade, dos professores e funcionários, na universidade, nos sindicatos nos bares e livrarias, pelos frequentadores diários de seus bares e restaurantes, pelos vendedores e compradores nas feiras-livres, pelos ex-moradores que continuam visitando o bairro e pelos moradores de rua, que escolheram como local de pernoite a pracinha da Gentilândia, dormindo à sombra das velhas mangueiras, enfim, é sentir o sopro do novo embalando o velho, e que nos serve de alicerce nesta pesquisa.

3.2 Dinâmica socioespacial no bairro Benfica

A dinâmica social reflexo das práticas educativas, neste caso, relacionadas a tríade educação, cultura e lazer no bairro Benfica, o apresentam como lugar situacional onde se desenvolvem redes de sociabilidades. É nesse espaço público que os indivíduos interagem e se reconhecem enquanto sujeitos capazes de uma ação conjunta. Nessa perspectiva, o bairro nos seus mais variados espaços favorece o reconhecimento e o autorreconhecimento daqueles que dele se apropriam para morar, estudar, trabalhar e quem sabe, nada fazer, apenas flunar⁷. O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública. (CERTEAU, 1997, p. 44).

Munford (1965), ao estudar a história da cidade percebeu que a rede de sociabilidade nela existente, é sempre recriada, reflexo dos grupos que são criados e daqueles que deixam de existir. A consciência de pertencer à comunidade está ligada ao surgimento dos lugares, neste caso dos subúrbios e bairros. Este fato para Munford significou o aparecimento do que ele denominou de senso de vizinhança.

O fato de terem sido os subúrbios, a princípio, comunidades pequenas e contidas em si mesma teve ainda outro efeito sobre o seu desenvolvimento: ajudou a recriar uma nova consciência de algo que se havia perdido no rápido crescimento da cidade - O Senso de Vizinhança. (MUNFORD, 1965, p. 123).

⁷ Caminhar sem destino certo, andar sem rumo, de modo ocioso; passear sem coisas com as quais se preocupar. Dicionário Aurélio, 2008.

Compreende-se, portanto, que é no bairro, ou como quer Munford, nos subúrbios, que se constroem os laços de sociabilidade, nos vários espaços sociais. São essas microrelações que vão se constituindo no bairro que criam as condições para os contatos. Isso certamente está envolto, também, em conflitos. O adensamento populacional e o fluxo de pessoas da casa ao trabalho e/ou a escola viabilizam contatos, base da sociabilidade e da possibilidade de se perceber participante de uma comunidade, mas, como já nos referimos morar e/ou conviver muito próximo, pode gerar, também, intrigas ocasionadas pelas fofocas, pelo barulho em virtude da proximidade entre as casas, ou entre a casa e estabelecimentos comerciais, como os bares.

A percepção de se pertencer a um determinado grupo social, físico ou no ciberespaço, tem por base a linguagem comum que se estabelece dentro desse grupo e de suas relações com o mundo exterior ao grupo, neste caso os outros grupos. Certamente esse processo constitui o caminho das redes de sociabilidade a partir do mundo dos atores sociais. Essas relações seriam a base que possibilita as diversas formas de ação em comum.

Cotidianamente, essas relações são estimuladas pelo contato físico ou digital, desenvolvidos pelos grupos formais, não formais e informais criados no âmbito do bairro, numa amplitude que vai desde as conversas de encontros que se dão nas ruas, nas igrejas, nas festas, na reunião dos grupos de pesquisa, na sala de aula, na participação em eventos culturais e científicos, no encontro de torcedores do mesmo time nas arquibancadas do estádio, ou nos bares e churrascarias assistindo pela TV este mesmo jogo com um grupo de amigos e, que se somam, aos grupos das redes sociais, que de certa forma, podem ser uma continuidade dos grupos acima apresentados. A convocação da reunião física do grupo de pesquisa da universidade pode se dá pelo grupo de pesquisa no *WhatsApp*, e esse grupo pode ser conectado em todos os lugares físicos a todo o tempo. O grupo nas redes sociais dos moradores e ex-moradores do bairro que relembram um passado em comum e que publicam notícias sobre “o pessoal” como forma de atualização do que ocorre naquele espaço.

Percebemos nos grupos físicos e digitais a necessidade de comunicação permanente, de estar junto, não importa mais a forma, o bate-papo parece constituir o sentido dessas redes de sociabilidade. E dessa forma, os grupos interagem, criando teias que se tornam cada vez mais complexas, pelo ir e vir das pessoas nos vários grupos, gerando um censo de comunidade, tanto a nível local, quanto global, numa fluidez jamais vista na sociedade humana. Mesmo tendo esse entendimento da fluidez entre os participantes dos grupos na esfera física e/ou digital, na perspectiva local/global, nossa vertente, nesta análise é pesquisar as práticas educativas nos grupos formais, não formais e informais que tenham

como função primordial, o estabelecimento de contato, criando uma teia de relação no bairro Benfica.

Para Lefebvre (1974), esses grupos formais, não formais e informais, com o tempo, vão desenvolvendo no cotidiano, comunicações informais, substituindo as comunicações formais típicas das relações baseadas em horários e regulamentos fechados ou resultantes de atividades que necessitam de uma certa normatização. A relação de proximidade e a frequência nos contatos vão providenciando um conhecimento mútuo, capaz de transpor as barreiras regulatórias, algo só visto nos grupos informais.

Grandes grupos "informais", isto é, baseados na linguagem, ocupam, na escala global, o lugar dos grupos destituídos. Esses grupos são mais biológicos que sociais: as mulheres, a juventude, os velhos. Eles preparam uma linguagem para si mesmos, nada mais. Nesses grupos fala-se por falar, para se sentir junto (in). Para comunicar, para manter também a vida de grupo, que só consiste em comunicação, sem objeto, nem objetivos, é o reino da falação, do bate-papo, da tagarelice que passa para a escrita na primeira ocasião. (LEFEBVRE, 1974, p. 378).

Essa diversidade de formas de relações sociais, desenvolvidas no bairro tem na família ou na vizinhança a base primária de sua constituição. Isto pode ser percebido nas diversas estratégias do viver e conviver em comunidade (grupo), na troca de favores, na organização de festas, nas conversas nos bares depois do trabalho. As observações indicam a presença de laços de vizinhança e amizade entre participantes dos grupos, quanto mais antigo é um grupo, mais tempo os membros que permanecem têm para solidificar essa amizade. Essas formas de interação aparentemente são capazes de criar vínculos de sociabilidade no bairro. É bom sempre lembrar que os participantes de um grupo, podem continuar mantendo contato que estavam tendo no bar, a partir das redes sociais digitais e, muitas vezes em contatos pessoais conversar, nessas redes, algum assunto que não poderia ser discutido ou apresentado publicamente.

A compreensão da dinâmica social está vinculada diretamente aos diversos grupos de convivência, nos quais as pessoas tomam como referência para a sua ação concreta. Desde os grupos primários, na família e entre vizinhos e nos grupos que constituem uma rede de sociabilidade na esfera local e/ou global, onde os aspectos como a dimensão lúdica, o gratuito, a criatividade e o imprevisto vão dando forma às regras de convivência, característica básica dessa rede de sociabilidade.

Portanto, dentro de uma visão dialética lugar/mundo, nossa premissa, nesta pesquisa é ter o entendimento que no mundo do meio técnico-científico-informacional discutido por Santos (1998), falar de grupos de sociabilidade, a partir de práticas educativas

delimitando-os a esfera do bairro, não significa isolar a convivência forjada nesses espaços dos intercâmbios globais. Se agíssemos assim, tanto poderíamos perder de vista a noção de totalidade quanto cairíamos num relativismo cultural das culturas isoladas.

A discussão que privilegiamos nesta pesquisa sobre o bairro, enquanto espaço de uma relação dialética entre a rotina massificante e a dinâmica cultural criadora de universos simbólicos, a partir de práticas educativas formais, não formais e informais desenvolvidas no âmbito da educação, da cultura e do lazer, aponta para uma compreensão da reelaboração comunicativa, no contexto das identificações sociais e culturais.

O bairro, enquanto espaço de sociabilidade a partir de uma realidade situacional, se insere numa perspectiva de pesquisa que vem cada vez mais privilegiando as micro-relações que se estabelecem em determinados contextos sociais. Nessa nova realidade, ganha novo alento o estudo das formas de sociabilidade emergentes, neste exemplo específico, as que ocorrem no Benfica.

Isto não significa dizer que os estudos anteriores estavam desconectados da realidade dos bairros, mas que os mesmos em virtude da conjuntura política em que foram elaborados, levaram em consideração as relações políticas e as contradições urbanas como fatores determinantes da existência dos movimentos e grupos nos bairros das cidades. Essa prioridade, dada às relações com o estado e ao processo de espoliação urbana, pouco levou em consideração à dimensão simbólica, as relações desenvolvidas pelas práticas educativas que são produzidas pelos grupos, que se percebem em comunidade, bem como as formas de sociabilidade que definem as formas de pertencimento e autorreconhecimento dos moradores de um determinado bairro.

Entendemos que somente assim, os membros dos grupos que tem como espaço em comum um determinado bairro, o transformam com o tempo de convivência, em lugar. Tornar um espaço em lugar, significa vê-lo dentro de uma perspectiva onde se sobrepõe os sentimentos de pertença, onde o indivíduo e o espaço são indissociados, um dá sentido e identidade ao outro.

3.3 O bairro Benfica enquanto lugar do morar e conviver

Para melhor compreender o Benfica como lugar da sociabilidade procuraremos definir o lugar no contexto atual. Como caracterizar o lugar, em um mundo permanentemente em mudanças? Carlos questiona sobre o que haverá ainda de singular que pudesse distinguir o

lugar. O que mudou? Será que o lugar foi descaracterizado e perdeu sua personalidade diante de uma nova perspectiva que aponta para o homogêneo? (CARLOS, 2006, pag. 19).

Ainda podemos abordar o lugar como estudo de caso. Ao analisar lugares no mundo, percebem-se as relações sociais, econômicas e históricas ali produzidas, as pessoas interagindo na prática cotidiana, sentir as semelhanças com o bairro Benfica, mas o sentimento de identidade com o lugar é uma característica a mais para nossa reflexão, levando em conta “o morar e conviver no mesmo bairro”, o afetivo estará sempre presente, jamais transponível. Para Santos apud Carlos (2006: 19) “existe uma dupla questão no debate sobre o lugar. O lugar visto “de fora” a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto “de dentro” o que implicaria a necessidade de redefinir o seu sentido. (SANTOS APUD CARLOS, 2006, p. 19).

Portanto, nos lugares, a partir do processo forjado pelo meio técnico-científico-informacional, foram se constituindo as condições para adotar a organização global do novo modo de acumulação, que se reproduz no espaço urbano, com a concentração populacional destes espaços e por conseguinte de um sistema comercial, bancário e prestador de serviços, que sob um ângulo racional manipula o espaço, segundo uma lógica repetitiva, não só repetitiva naquele lugar, mas uma repetição trazida de outros lugares.

Assim os lugares vão se transformando, se redefinindo e trazendo uma homogeneidade. Por outro lado, as transformações realizadas nos lugares, nas ruas, praças, aberturas de avenidas, percebidas de “fora” são vislumbradas, comentadas e até discutidas pelos motoristas de ônibus, pelos passageiros, pelos transeuntes que num certo momento de suas tarefas diárias percorrem aquele bairro e percebem as mudanças.

Mas, a reação da maioria daqueles que moram e convivem no lugar, que até podem tecer considerações diferentes sobre as transformações ocorridas, exprime intimidade, significado, se está falando é do espaço de convivência, daquele que Carlos nos mostra quando diz:

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - apropriado através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade lato sensu, a menos que seja a pequena vila ou cidade - vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 2006, p. 20).

O lugar, para quem nele mora ou nele convive, durante um certo tempo, possui uma outra realidade visual, que se revela pela apropriação cotidiana desses espaços. Não se

passa por ele, se vive nele. O lugar, no caso o bairro, é o espaço que fala da nossa experiência vivida, a partir do emocional, muito além da simples identificação, uma autorrelação da vida social. Mesmo assim, viver num lugar em permanente contato com o mundo e suas transformações, nos remete a outras discussões sobre como estariam sendo discutidas, absorvidas e/ou modificadas por aqueles que vivem e convivem no Benfica, as inovações sociais e espaciais, e as novidades. O primeiro passo nessa análise seria perceber como está a organização da vida cotidiana e seus comportamentos diante dessas transformações. Como estariam na atualidade os códigos de cortesia, as saudações, as formas de comunicação, as rodas de amigos nos bares e dos vizinhos, sentados em cadeiras nas calçadas, a vida familiar, a nossa experiência do viver e conviver em comunidade.

O Benfica no seu cotidiano ainda apresenta características de uma pequena cidade do interior, boa parte dos moradores se reconhecem e sabem um pouco da vida do outro. Hoje é possível perceber certas formas de ajuda mútua entre os moradores vizinhos, mais conhecida como “troca de favores”, típica solidariedade orgânica⁸, argumentação discutida por Émile Durkheim e por Milton Santos. Mesmo as novas formas de comunicação, a partir das redes sociais físicas vão sendo aproveitadas pelas redes sociais digitais, para uma continuidade no intercâmbio de informações de forma permanente.

O que percebemos em nossa pesquisa é que houve alterações nessas práticas cotidianas, consequência de vários fatores. Claro que o Benfica ainda é referência por que não dizer até nostálgica, para outros bairros de Fortaleza que perderam essas práticas há muito tempo. Nem por isso, deixa de ser percebido mudanças nos comportamentos e atitudes consideradas tradicionais. Segundo MAGNANI (1998, p.56), esse é um processo que se apresenta “(...) como tendência geral, contudo, há muito as cadeiras foram recolhidas porque - justifica-se - a rua tornou-se inóspita ou porque, àquela hora, o apelo da televisão mantém os moradores no espaço privado da casa”.

⁸ Segundo Émile Durkheim, à medida que as sociedades se tornam mais complexas, a divisão do trabalho e as consequentes diferenças entre os indivíduos conduzem a uma crescente independência nas consciências. As sanções repressivas, que existem nas sociedades “primitivas”, dão origem a um sistema legislativo que acentua os valores da igualdade, liberdade, fraternidade e justiça. A divisão do trabalho, característica das sociedades mais desenvolvidas, gera um novo tipo de solidariedade, não mais baseado na semelhança entre os componentes (solidariedade mecânica), mas na complementação de partes diversificadas. O encontro de interesses complementares cria um laço social novo, ou seja, um outro tipo de princípio de solidariedade, com moral própria, e que dá origem a uma nova organização social - solidariedade orgânica. Sendo seu fundamento a diversidade, a solidariedade orgânica implica uma maior autonomia, com uma consciência individual muito mais livre. (Wikipedia, acesso em 25/03/2017).

Mesmo assim, o que se poderia imaginar como mudança radical no comportamento das pessoas no coletivo não se dá de maneira única e em alguns casos como o Benfica atestam um movimento de resistência e/ou adaptação, que não chega a abranger a totalidade dos moradores, mas pressiona no sentido de se contrapor à tendência transformadora, mesmo quando essas transformações são anexadas/adaptadas elas se tornam meios de viabilizar e dar continuidade a sociabilidade, como é o caso das redes sociais digitais.

Nesse contexto de transformações permanentes, mesmo os bares abertos no Benfica, sob a égide do tribalismo, como *punks*, vegetarianos ou para um público específico como os bares para universitários e que são um dos maiores exemplos de alterações espaciais propiciadas por essa fragmentação tem em comum com os antigos bares a necessidade ainda imperiosa de se viver e de se estar juntos e se tornam com o tempo, diferentes de bares de mesma representação tribal, localizados em outros bairros na cidade de Fortaleza. Nestes bares, seus frequentadores, em sua maioria residem ou convivem durante uma parte do dia no bairro e já participam individual e coletivamente do processo de apropriação e transformação do Benfica em lugar, a partir do autorreconhecimento e, por isso transmitem nesses espaços uma outra forma de viver em comunidade. É o que nos diz CERTEAU (1997, p. 42) “essa apropriação implica ações que recomponham o espaço proposto pelo ambiente à medida do investimento dos sujeitos, e que são as peças mestras de uma prática cultural espontânea: sem elas, a vida na cidade seria impossível.

Nessa interpretação do espaço do bairro, enquanto lugar, mesmo com toda a dinamicidade providenciada pelas relações comerciais, sociais, dentro de um contexto de mudanças constantes, há coisas que sempre acontecerão. A rua será sempre o primeiro espaço vislumbrado como diferente do nosso espaço comum que é a casa, onde as relações sociais se dão com os parentes: pais, irmãos, avós, etc. E a rua, em sua descoberta, sempre produzirá sentimentos como medo, ansiedade, curiosidade, desejo.

No início de nossa relação com o mundo, estamos constantemente entrando em contato com gestos e atitudes diferentes daquelas do nosso cotidiano, mas que aos poucos se tomam próximas. Com o tempo, a rua se torna como que uma extensão da nossa casa. E é sem dúvida que a partir do conhecimento da rua que participamos das celebrações, confraternizações, manifestações religiosas, culturais e políticas do lugar que nos identifica, que é o bairro. As formas de sociabilidade no bairro, emergem dentro desse contexto de simultaneidade dos acontecimentos que existem nos arredores, na vizinhança.

Podemos encontrar o mesmo morador participando desses diferentes grupos no bairro. As pessoas transitam nesses diferentes espaços sociais. O morador que participa de um grupo de oração cuja identificação se estabelece por vínculos religiosos, pode ser visto participando das reuniões da associação dos moradores, cuja luta perpassa os diversos grupos existentes no bairro. Os moradores, de alguma forma participam de grupos físicos e digitais existentes no bairro, quando não há condição da presença física, existe a possibilidade de entrar em contato com os participantes nos grupos digitais e se atualizar com o que foi decidido na reunião, ou mesmo encaminhando suas reclamações ou observações a quem está participando de forma física da reunião.

Essa participação, atualmente, é em alguns casos até maior que outrora. Talvez as transformações inseridas na vida dos moradores do bairro, como a televisão que mostra a organização de moradores de outros lugares e uma consciência cultural de participação para mudar, possa ter trazido esta mudança no comportamento de parte dos moradores. Como nos aponta SANTOS (2002, p. 48) que “os lugares redefinem as técnicas. Cada objeto ou ação se instala, se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes.

No Benfica, a vida cotidiana está alicerçada em vínculos de parentesco e relações de amizade constituídos no morar e conviver no bairro. Os laços de afetividade são fortalecidos no contexto das necessidades de ajuda mútua, de conversação e de encontros. Essas características, no entanto, estão sendo substituídas ou ampliadas, muitas se adequando ao estilo desse morar e conviver no Benfica, que aqui é considerado espaço singular em relação a outros bairros de Fortaleza.

Mesmo nos horários dos jornais e jogos de futebol, transmitidos pela TV e que nos convida a ficar em casa, a um número cada vez maior de telespectadores nas churrascarias e bares, as vezes necessitando de reserva antecipada de uma mesa, por conta da concentração de público. Mesmo com o aumento da violência e certamente o Benfica não foge à regra do restante da cidade, os bares, cafés, churrascarias, shopping do bairro possuem um público diário que festejam à vida, adaptando, por exemplo, a saída dos bares para a residência de forma coletiva, onde o grupo vai até a parada de ônibus, ou quem sabe, dividindo o mesmo táxi ou Uber⁹, como uma forma de autoproteção, mas não deixam de conviverem no Benfica.

⁹ Uber é uma empresa multinacional norte-americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano e baseada em tecnologia disruptiva em rede, através de um aplicativo *E-hailing* que oferece um serviço semelhante ao táxi tradicional, conhecido popularmente como serviços de "carona remunerada". Tecnologia disruptiva é o Produto ou serviço que cria um novo mercado e desestabiliza os concorrentes que antes o dominavam. É geralmente algo mais simples, mais barato do que o que já existe, ou algo capaz de

Todos se adaptam aos novos tempos que trazem novos recursos tecnológicos, os bares que careciam de clientes nos jogos decisivos, hoje dispõem de televisores e até mesmo telões, para não perderem a clientela. O proprietário do bar ou churrascaria contrata músicos e enchem a noite do Benfica de musicalidade ou então montam um *Karaokê*, muitas vezes bastante disputado. Essas transformações introduzem no bairro, “novos estilos” de vida no cotidiano de quem mora e convive naquele espaço, mesmo que de início, o “novo” venha predefinido, mas o lugar, no entanto, gera outras finalidades e novas funções, novas práticas de sociabilidade. Foi dessa forma que muitos bares percebendo a recuperação da clientela, atualmente ligam seus aparelhos de TV todos os dias no “Jornal Nacional”, pois é neste momento que entre o trabalho e a casa, quem mora e convive no Benfica pode atender ao convite de assistir no bar, entre uma cerveja e outra, tomando ciência das últimas notícias sobre o mundo, o país, e as vezes do seu bairro. Depois do noticiário, discutem um pouco dos assuntos tratados pela televisão, e assim é que o lugar mesmo fazendo parte do mundo globalizado, resiste não apenas em aceitar as mudanças, mas transformando-as, para depois digeri-las.

atender um público que antes não tinha acesso ao mercado. Em geral começa servindo um público modesto, até que abocanha todo o segmento.

4 ANÁLISE COMPREENSIVA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO BENFICA

Neste capítulo sobre a análise compreensiva das práticas educativas no bairro Benfica, escolhemos superar, ou melhor, ir além da divisão tradicional entre formais, não formais e informais. Tal escolha se justifica, por conta do aprofundamento e detalhamento que desenvolveremos na análise das práticas educativas escolhidas. Entendemos e já nos referimos a essa discussão no segundo capítulo, que na contemporaneidade uma prática educativa pode, dependendo do contexto e do pressuposto teórico de análise ser considerada por uns como formal, ou não-formal e por outros como informal. Nesta nossa análise compreensiva iremos nos deparar com esta realidade de forma constante, o que acreditamos ser reflexo dos novos recursos tecnológicos ou como define SANTOS (1998) “resultante do que ele denomina de meio técnico-científico-informacional”.

Escolhemos então, para nossa análise compreensiva, as práticas educativas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará e como contraponto, as práticas educativas desenvolvidas nos “bares da vida”.

4.1 Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC

O PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC é vinculado à Faculdade de Educação – FACED, sendo integrante do Sistema Nacional de Pós-Graduação e que, dessa forma, desenvolve suas práticas educativas formais. Tem como área de concentração a Educação Brasileira. As atividades acadêmico-científicas dos cursos ofertados pelo PPGE são organizadas e desenvolvidas por meio de nove linhas de pesquisa, organizadas em eixos temáticos, agrupados em função dos temas e/ou perspectivas teórico-metodológicas dos diversos grupos de pesquisa que compõem essas Linhas de Pesquisa. O PPGE assume como ponto central a missão acadêmica e científica de formação de docentes e pesquisadores de alto nível que respondem às demandas sociais da educação em geral e, em particular, que atendam às da educação superior, submetida a uma necessária política de expansão induzida nas Regiões Nordeste e Norte do Brasil.

Neste leque de nove linhas de pesquisa iremos nos deter em nossa análise a linha de História e Memória da Educação – NHIME. Esta linha tem como temática em suas pesquisas e estudos tratar da história das instituições e reformas escolares, biografias, ideias, práticas e políticas educacionais; a delimitação temporal e espacial desses estudos vai do passado recente à recuperação histórica dos processos de intervenção governamental e

experiências sociais, no campo educacional, no Brasil e no Ceará, apoiado em arquivos públicos e privados, documentos oficiais, fontes jornalísticas e iconográficas, bem como, fontes orais.

A linha realiza, desde 2002, o Encontro Cearense de Historiadores da Educação, que tem reunido, a cada ano, centenas de participantes, com caráter itinerante, que o desloca para o interior do Ceará, em função do valor histórico dessas localidades, favorecendo a criação de uma rede interinstitucional de investigação no âmbito da história e memória educacional. A linha coordena a coleção ‘Diálogos Intempestivos’, nas Edições UFC, que apresenta mais de uma centena de títulos científicos publicados.

Os alunos (mestrandos e doutorandos) aprovados em seleção anual, quando matriculados, obedecem as normas estabelecidas para os cursos de pós-graduação da UFC e pelo sistema nacional de pós-graduação. Entre elas está a de cursar disciplinas divididas entre obrigatórias e optativas, participar das reuniões semanais da linha de pesquisa que está vinculado, manter contato permanente com o seu orientador, essa orientação tem carga horária fixada como se fosse uma disciplina. Todos os alunos são obrigados a matricular-se na disciplina de Estágio e Docência. Nesta disciplina o aluno auxiliará o professor em uma disciplina que ele ministre na graduação, elaborando com ele o plano de aula, material didático e outras atividades que se fizer necessárias. O aluno, também, precisa desenvolver o seu projeto de pesquisa, alterá-lo se for o caso, realizar uma pré-defesa chamada de qualificação e por último a defesa final.

Todas essas atividades mencionadas no parágrafo acima, podem ser caracterizadas como participantes de uma prática educativa formal, definida como altamente estruturada, aquelas desenvolvidas em instituições criadas com esse fim, neste caso, uma universidade. O ponto de consonância seria a de possuir um programa pré-determinado, igual para todos os estudantes. Mas dentro dessa “camisa de força” de uma prática educativa formal são desenvolvidas práticas educativas não-formais e informais. Como isso ocorre? Certamente os alunos, professores e funcionários para fugirem de um cotidiano sempre formal e repetitivo, vão, com o tempo, desenvolvendo formas de relacionamento não-formais e informais.

O exemplo mais perceptivo seria o intervalo entre as aulas, denominado por muitos de recreio. As pessoas, neste momento, perdem o formalismo e submergem numa outra realidade espaço-temporal. O volume das conversas é muito maior que o da sala de aula, onde, na maioria das vezes o professor fala e de vez em quando um aluno apresenta uma argumentação. Nos recreios todos falam ao mesmo tempo, quando não estão falando, estão de olhos fixos no celular, lendo ou escrevendo alguma mensagem nas redes sociais. Na máxima

de classificar as práticas educativas, em qual delas colocaríamos o momento do recreio? Estamos cientes que alguns alunos irão aproveitar este tempo para procurar na biblioteca, um livro citado pelo professor em sala, mas a grande maioria dos alunos irão desenvolver práticas educativas informais no espaço formal.

Figura 28: Sala da Linha de Pesquisa História e Memória da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em dia de reunião. Foto de 2015.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior

E o que dizer da criação de grupos nas redes sociais como é o caso do NHIME no *Whatsapp*, considerado, dentro da conceituação aqui utilizada como uma prática educativa formal, onde todos os participantes são alunos e professores filiados a linha de pesquisa e que são avisados, pelo grupo no aplicativo, com antecedência sobre a pauta da próxima reunião e onde são formulados convites para as defesas de dissertação e tese, como, também, os grupos criados nas redes sociais para cada disciplina com duração definida, onde muitas vezes os participantes as utilizam para repassar informações que não fazem parte da finalidade que originou o grupo, e onde são desenvolvidos diálogos sobre assuntos que vem à tona de forma espontânea. Às vezes o criador/administrador do grupo precisa chamar a atenção dos participantes para a finalidade da existência daquele grupo numa rede social, chegando a ações extremas de desligamento de algum participante. Podemos concluir que mesmo no ciberespaço, a rigidez dos grupos que desenvolvem práticas educativas formais nas redes sociais digitais, de vez em quando, vê suas normas quebradas ou burladas por práticas educativas informais.

Figura 29: Cartaz do XV ECHE - evento ocorrido em 2016. Arte de Rodrigo Queiroz. Confeccionado na MÁXCÓPIA, Fortaleza, Ceará, 2016.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

O que dizer então sobre a hora que saímos da universidade sem agendamento prévio e encontramos no bar da esquina os colegas de sala e algumas vezes o professor. Todos querendo que o tom da discussão não seja apenas o de prolongar o debate iniciado em sala de aula. Com o passar das horas poderá ocorrer que o desenrolar das conversas decorra com mais espontaneidade e assim, num espaço informal possa se desenvolver práticas educativas

formais e informais. Nesses relacionamentos com origem em espaços formais, como é o caso da Universidade, há de se buscar alternativas que rompam com a referida “camisa de força”. Nos parece que é algo vital para o próprio retorno ao cotidiano das práticas educativas formais.

Outro cenário interessante que ocorre todos os anos, desde 2002, é o evento maior da linha de pesquisa, O ECHE/ENHIME – Encontro Cearense de Historiadores da Educação, juntamente com o Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação. Este evento que ocorre muitas vezes em espaços não-formais como é o caso de teatros, centro de convenções, centros de cultura e arte, é preñado de uma mistura de práticas educativas formais, não-formais e informais. A heterogeneidade dos participantes vindos das várias regiões do Ceará e do Brasil, entregues num primeiro momento as práticas educativas formais, burlam com o tempo a programação oficial, as adaptando aos seus interesses. Muitos ainda não conhecem Fortaleza e viabilizam junto aos colegas participantes que são moradores da cidade, a possibilidade de conhecer os pontos turísticos e as baladas das noites durante o transcorrer do evento. Muitos prolongam sua estadia, adiando o retorno aos seus rincões. Certamente se desenvolvem nestes eventos em espaços não-formais, práticas educativas formais, não-formais e informais.

Figura 30: FACED - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Foto de 2015.



Fonte: Arquivo UFC: <http://www.faced.ufc.br/>

E para finalizar a discussão sobre o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, enquanto possibilidade dialética de compreensão das práticas educativas, precisamos analisar a vida dos estudantes que residem em outras cidades e em outros estados e que precisam de domicílio local durante o transcorrer do curso. No caso do mestrado que tem em torno até 24 meses e no doutorado de 48 meses.

Geralmente, os alunos tiveram algum conterrâneo que veio antes e passa as “dicas” ou então, nos primeiros dias de aula esses alunos procuram nos flanelógrafos os anúncios referentes a apartamentos e quartos para aluguel a estudantes.

Dessa forma, reforçando o que nos reportamos alhures, a procura de alternativas para que se desenvolvam práticas educativas não-formais e informais, neste caso, no espaço de educação formal, é um processo vital para o andamento, ao retornar aos estudos, projeto maior de todo o estudante de pós-graduação *stricto sensu*.

Temos ainda os alunos da graduação que são bolsistas de iniciação científica e que já participam do NHIME, estes alunos, também, passam o dia na universidade. Da rotina entre uma e outra sala de aula, das reuniões na linha de pesquisa, das idas e vindas ao Restaurante Universitário, e muitas vezes à Residência Estudantil, também, localizada no bairro Benfica, faz deles a melhor representação grupal dentro da prática educativa que estamos apresentando. Eles vivem um cotidiano totalmente fragmentado, dentro de uma discussão espaço e tempo, interpretando melhor seu cotidiano na qual é composto de diversas espacialidades e em cada uma, outra temporalidade.

Um grupo que vive desenvolvendo dentro desse contexto socioespacial, múltiplas práticas educativas, físicas e digitais. Não há como delimitá-los dentro da abordagem estanque da divisão conservadora entre práticas educativas formais, não-formais e informais. Eles inter-relacionam estas práticas. Ao mesmo tempo em que estão em sala de aula, estão conectados no celular ao grupo social que noticia a festa que irá ocorrer à noite e comunicam o festejo para os seus grupos nas redes sociais. Ao meio-dia, entre a faculdade e o restaurante universitário recebem recado sobre o prato do dia e, dessa forma, já sabem o que vão comer. Na reunião à tarde, ficam planejando nos grupos das redes sociais, como adquirir a bebida da festa, quem tem cartão que pode ser usado para a compra, ao mesmo tempo que procuram por informações sobre um livro que o professor indicou para leitura, não esquecendo do planejamento de quem irá deixá-los após a festa, na residência estudantil e quem sabe, também dormir por lá.

A partir desse “novo” contexto social que se descortina e considerando que este influencia sobremaneira as práticas educativas, o mundo contemporâneo, incluiria a aquisição de novos hábitos e habilidades, uma vez que cada um de nós deverá ser capaz de ampliá-lo e reconstruí-lo quando necessário, além de aplica-lo em situações próprias do seu contexto de vida, bem como em situações problematizadoras inusitadas e/ou significativas. Em outras palavras, significa dizer que as tecnologias certamente se instalaram em definitivo porque seu nascedouro é propício para que se estabeleçam nesta nova configuração da sociedade.

4.2 Os bares da vida

As experiências que transformam os espaços, agora travestidos de lugares, são escoadouros de partes da cidade que se dissipam. Pela manhã, são dominadas pela continuidade do comércio legal e informal. Durante a tarde a uma preparação para o que virá à noite. À noite a “realidade sensível do espaço e as práticas sociais são indissociáveis” FRÉMONT (1996, p. 125). E para as classes de baixo poder aquisitivo é a porta de entrada para o mundo.

Assim, nos bares do Benfica, incluindo aqueles com maior movimento, durante o dia ou à noite, há uma diversidade de grupos de clientes, que vão desde aqueles considerados intelectuais, artistas, funcionários públicos e outros bêbados, como outras tipologias. O propósito aqui, não é estudar e analisar a organização social e funcionamento dos bares, mas buscar entender se é possível um exame do seu cotidiano para visualizarmos as práticas educativas ali desenvolvidas, que podem muito bem, se apresentarem através de uma linguagem verbal, gestual, ou aquela que se costumou chamar de linguagem não-verbal.

Assim, falar de bar é resgatar um significado profundo. Muitas vezes pode-se notar a noção espacial que os habituais frequentadores, e mesmo os não habituais, estabelecem com o seu entorno e seu espaço vivido. Estabelecendo uma reação às vezes preconceituosa ou de ‘de classe’ e muitas vezes com conteúdo propriamente da alma. Dentro dessa questão, é sempre erigido o fato de que “eram grandes os preconceitos contra a cachaça e os cachaceiros. Todo alcoólatra, todo bêbado desclassificado, fosse que bebida fosse, era chamado de cachaceiro, quando de acordo com a boa semântica, cachaceiro devia ser o fabricante e não o consumidor da cachaça” GALENO (1991, p. 69). Deixa-se aberta a porta para as controvérsias não menos importantes; “por se tratar de uma bebida do povo, o fato é que a polícia procurava dificultar a venda de cachaça” (*Ibidem*). A comprovação destas afirmações está no fato de que, por longos anos, a venda de cachaça era proibida nos períodos de carnaval e outras festas, sendo somente liberada no ano de 1974, segundo Galeno (1991, p. 70).

Em que pesem as diferenças de estudo e de objeto, SILVA (1978), classifica o indivíduo nos últimos estágios de alcoolismo e tenta diferenciá-lo em termos de classe:

Um estado de semiembriaguez, ou mesmo embriaguez completa eventual, pouca influência tem no conceito do indivíduo entre os demais fregueses. Esta atitude é muito diferente do procedimento da classe média, que, quando aceita a embriaguez, não leva a sério a pessoa que se encontra nesse estado. Diferente do botequim, só a

muito custo se pode aceitar que a pessoa embriagada não é responsável por seus atos e palavras”. (SILVA, 1978, p. 88).

O curioso em relação a estas questões está na referência à localização desses espaços, não como lugar de bebida, mas sobretudo como espaço de práticas educativas. Nestes lugares se discute política, futebol e acontecimentos locais e mundiais de forma “livre”. O livre está aspeado porque, na verdade sempre existe o mediador, que no caso é o dono do bar, quando das discussões mais acaloradas. Outro fator pitoresco são as normas “não escritas” que os bares com o tempo vão criando e assim, enquadrando os seus clientes, em especial os clientes “diaristas”, aqueles que se fazem presentes todos os dias, ou quase todos os dias. Nestes recintos o tempo de cliente vale tanto quanto um diploma. Muitas vezes, eles são tão respeitados quanto o proprietário.

No Benfica, mais especificamente, na Gentilândia, bares como o do Chaguinha, o bar do Luís Picas, que já foi bar do Manoel Ventura e hoje sob nova administração tem o nome de Gentilândia Bar, possuem uma hierarquia em relação ao balcão. Cliente que bebe na área interna do bar, logo atrás do balcão, ao lado do proprietário, tem prestígio alcançado pelo tempo de bar. Para ter direito a essa regalia, ou direito “etílico supremo”, o referido cliente, não pode ter criado nenhuma animosidade com o proprietário, nem com os outros clientes, durante o tempo de frequência, e por isso, merece o “podium”. (Figura 31 e 32).

Figura 31: O Bar do Chaguinha foi aberto em 1956 na rua João Gentil, 291, Onde permaneceu até 1996, quando se transferiu para o prédio em frente, onde funcionou durante muito tempo a mercearia do Sr. Joca. Foto de 1967.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 32: Bar do Luís Picas, funcionou neste ponto localizado na Rua Paulino Nogueira, 91, entre os anos de 1959 a 1999. O Luís mudou-se para Natal, deixando o seu auxiliar Manoel Ventura com o estabelecimento. Encerrou suas atividades em 2016, quando um grupo de frequentadores alugou o espaço e abriu o Gentilândia Bar. Foto de 2012.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

No bar e restaurante Cantinho Acadêmico, há duas mesas postas num canto do estabelecimento, área privilegiada pela sombra e ventilação. Em cima da mesa, todas as tardes, está pregado um aviso, que a mesa pertence a diretoria. Compõem a diretoria os “diaristas” em sua maioria, professores e alunos de pós-graduação. São vorazes consumidores da “cerva” e da boa conversa. Chamam a atenção de quem vai a primeira vez no recinto, pois falam mais alto que todos os outros clientes e por conta do tempo de “serviço” o proprietário não consegue exercer o mesmo controle que exerce com os outros clientes, o que já levou a discussões de alguns reclamando do atendimento especial da dita cuja “diretoria”. (Figura 31).

Outro bar de muita originalidade e famoso em toda a cidade é o “Buraco do Reitor, o bar foi fundado pelo Sr. Manoel, há 40 anos e atendia aos estudantes da UFC. Hoje é comandado pelo Sr. Andrade, irmão do fundador que conta com uma clientela tão antiga, quanto fiel. No período da ditadura militar, alguns estudantes aprontavam nos espaços acadêmicos e fugiam para o referido bar, através de um terreno e a partir desse terreno passavam por um buraco que dava ao bar, buraco que era coberto por um freezer. Quando chegavam o Sr. Manoel, tratava de colocá-los numa mesa e punha em baixo vários cascos de cerveja secos, para encenar a quem se dirigisse ao local, que a turma da mesa estava bebendo

desde cedo. Quando a Reitoria sabia do episódio, chamava a polícia que ao procurar os supostos “delinquentes” se deslocava ao bar, chegando lá, perguntava ao proprietário sobre o horário de chegada dos estudantes que ali estavam bebendo, e ouvia dele que haviam passado o dia por ali bebericando. (Figura 34).

Figura 33: Cantinho Acadêmico: Boteco boêmio e musical, com mais de 20 anos de Benfica, mantém clima festivo até a madrugada, entre chope e petiscos diversos da cozinha brasileira. Foto de 2016.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 34: Famoso bar Buraco do Reitor. Fotos de 2012.



Fone: Google imagens, 2017.

A toda essa realidade ética, do mundo de “Baco” no Benfica, se somaram as churrascarias que aumentaram o público que dali se utiliza para comer e beber após as aulas, ou após um dia de trabalho, ou aqueles ex-moradores que sempre, quando podem, estão se fazendo presentes. Para tanto, os grupos formados nas redes sociais, como a turma da Gentilândia, promovem constantemente encontros para os reencontros. Nesses grupos no *Whatsapp*, se têm notícias sobre os conhecidos e, de vez em quando, quando há o falecimento de um participante todos ao saírem do velório vão a algum bar do Benfica para “beber o morto”.

Girão (1979) argumenta que alguns bares em Fortaleza, sempre tiveram importância para a formação de grupos literários, criação e veiculação de jornais, revistas, grupos políticos, relatando dessa forma a relevância desses espaços públicos como manifestação do imaginário social e, por consequência de uma imagem da cidade da cultura, dentro da esfera da boemia. No Benfica muitos são os exemplos, que serviram de tema para dissertações e teses sobre movimentos artísticos que surgiram entre a sala de aula e os bares.

Destacamos aqui a tese de doutorado em educação de Wagner José Silva de Castro de título: INTELLECTUAIS, PROFESSORES E ARTISTAS: PRÁTICAS EDUCATIVAS, ARTE ENGAJADA E O MASSAFEIRA LIVRE. (1955-1981). Na tese o autor procura entender como as experiências e a formação de alunos e professores nas instituições de ensino no Benfica acabaram influenciando o processo educativo e artístico de alunos e professores nos anos de 1960 e 1970 e a inserção desses “artistas” na indústria cultural nos anos de 1970. Esses artistas se articulavam, refletiam e produziam sobre a realidade local e nacional. Essas experiências e discussões políticas e culturais ocorriam de início em áreas da UFC e, posteriormente, nos bares do bairro. Entre eles se encontravam alunos e professores como os músicos e compositores Abdoral Jamacaru, Amelinha, Ana Fonteles, Augusto Pontes, B. C. Neto, Belchior, Calé Alencar, Chico Pio, Ednardo, Fagner e Fausto Nilo, entre muitos outros.

Dessa forma, concluímos que as práticas educativas se desenvolvem em qualquer ambiente, mesmo naqueles que enquadrados como espaços marginais. Mais uma vez aludimos ao fato de que na contemporaneidade não há mais condições de se limitar ou classificar práticas educativas, pois elas hoje se efetivam sem essa rigorosidade e num piscar de olhos se reconfiguram, dependendo de quem dela participa, muitas vezes em detrimento do espaço onde estão inseridas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final da pesquisa desconfiados do ritmo das mudanças que vão ocorrendo no decorrer do longo e cansativo trabalho de coleta e análise das informações no cotidiano dos moradores. A vida no bairro transcorre como se o tempo linear dos meses, dos dias, das horas, dos minutos girassem em torno de quem ali mora e convive. O eterno retorno da rotina diária é marcante. O percurso entre o trabalho e a casa. O lazer e as bebedeiras nos finais de semana. Os eventos lúdico-religiosos e festivos que se repetem a cada novo ano. As reivindicações dos moradores parecem sempre as mesmas diante das demoradas negociações com os poderes. Tudo numa continuidade fundamentada pelo cotidiano.

O peso do cotidiano em contraposição ao ritmo das mudanças é notável. Os grupos e movimentos no bairro buscam de todas as maneiras interferir na monotonia diária que se cristaliza entre o trabalho, a casa e o bairro. Busca-se no espaço coletivo, através do lazer, das reuniões, das reivindicações, das palestras, dos bares, das festas e do lúdico, quebrar o individualismo da vida privada. A rua, os espaços coletivos e a praça são ocupadas pelos grupos invertendo a lógica massificante e homogeneizadora que se impõe ao “bom cidadão”, comportado, ordeiro, amante do trabalho.

A fuga do cotidiano, da massificação e da homogeneização dos gestos, dos desejos, do festivo, do lazer através da dinâmica sociocultural no bairro que vão se estabelecendo através dessas redes de sociabilidade, onde se desenvolvem as práticas educativas dos que convivem no bairro é percebida nos espaços públicos da cidade, tanto nos festejos como nos momentos de crise e dor. No mais, o aprendizado é um achado na própria convivência diária, nas conversas, nos encontros, nas festas, nas negociações com os poderes. Essa experiência adquirida é motivo de orgulho, para muitos daqueles que vislumbram o Benfica com um olhar de significados. As informações adquiridas no processo de comunicação direta e a troca de experiência entre os diversos grupos vão constituindo uma consciência que extrapola a cotidianidade.

Os diferentes grupos possuem características próprias na sua dinâmica e na sua inserção no bairro. Alguns aspectos se destacam na constituição dessas redes de sociabilidade. O lazer enquanto espaço de socialização e constituição de laços afetivos. As relações de vizinhança entre os moradores, facilitando processos de interação no bairro e criando vínculos de amizade e companheirismo, mesmo diante dos conflitos latentes existentes. As relações que se constituem nos grupos de jovens e idosos, entre alunos, professores, funcionários e aqueles que escolhem o Benfica para beber, flamar, namorar.

É nessa teia de relações que os diversos grupos e movimentos vão construindo a sua identificação com o bairro. Nesses espaços, os diversos atores vão estabelecendo processos comunicativos. A experiência conta muito na definição da posição dos atores na hierarquia de cada grupo. A experiência anterior em outros movimentos e grupos é motivo de destaque para exercício da liderança. A capacidade de articulação verbal é outro componente que pesa no momento da definição do processo de hierarquização nesses grupos. No entanto, para aqueles que convivem no Benfica, o importante é participar junto com os seus pares das festas, dos encontros, dos passeios e estar construindo uma sociabilidade que não é vista em outros lugares.

O encontro nos grupos demonstra que os laços afetivos que agregam os participantes não diluem os conflitos e as contradições existentes. Percebe-se nos grupos observados que o processo de hierarquização formal ou informal gera, também, conflitos entre os seus integrantes. Pequenos conflitos como intrigas, fofocas, descontentamentos que geram dissidências dentro dos grupos. Mesmo assim, sanada as intrigas, a um fortalecimento do grupo e novas possibilidades e temáticas para o viver em grupos são vicejadas.

Essas redes de sociabilidade que vão dando forma aos grupos e movimentos no bairro estão inter-relacionadas às diversas estratégias de intervenção dos grupos, muitas vezes em contraposição às instituições públicas e religiosas que sempre estão presentes no cotidiano de quem ali convive. Mesmo com toda a resistência, já se percebe tanto nos discursos quanto na prática daqueles que convivem no Benfica uma certa individualização que pode no futuro afetar diretamente as redes de sociabilidade do bairro.

É nesse contexto que o bairro está inserido no cotidiano da cidade. Os diferentes atores do bairro são figuras de um teatro coletivo comum nos diferentes lugares da cidade. O cidadão desconhecido na multidão, os passantes que transitam no coração dos centros urbanos-industriais é o mesmo que no bairro vive a sua cotidianidade no pedaço onde mora compartilhando com os seus vizinhos, amigos e inimigos as opressões, a rotina, as dificuldades do dia-a-dia.

O quadro que para alguns chega a ser de pessimismo diante da exploração em que se vive no mundo atual, cheio de desigualdades, não sufoca a criatividade e a capacidade de improvisar e criar novos espaços de sociabilidade. O lúdico, a irreverência, a desordem, a relutância em sucumbir no cotidiano contrasta com a tolerância, a resignação e o fatalismo tão comuns à nossa identidade cultural. A perseverança parece ser uma forma de resistência daqueles que convivem no Benfica. Acredita-se no dia de amanhã, vivendo intensamente o presente. São sopros de vida que demonstram uma vontade de viver o presente, aquele

instante em toda sua intensidade. A cachaça pode ser o elemento que o transcende para uma relação cósmica de simbiose entre o deus da orgia e o mundo vivido. Michellet (1988) ao estudar o populacho em 1827, entende essas relações de maneira extraordinária.

Essa multidão não é má em si. Suas desordens derivam em grande parte de sua condição, de sua sujeição à ordem mecânica que, para corpos vivos, é ela própria uma desordem, uma morte, e que por isso provoca, nos raros momentos de liberdade, violentos retornos a vida. (MICHELLET, 1988, p. 56).

Os valores de quem convive e vai se apropriando do bairro, estão relacionados ao próprio cotidiano. A construção cotidiana da cultura e a capacidade atribuída aos grupos de estarem criando novos espaços de sociabilidade só é possível quando são considerados os seus limites e perspectivas. A construção ocorre no campo das microrrelações nos espaços sociais vividos pelos grupos. O aprendizado diário de conhecer novas experiências, a noção de direitos que vai desnaturalizando as carências vividas, os vínculos de solidariedade que se vai construindo dia-a-dia, o espaço de conversação que envolve troca de opinião, a resistência que quebra o conformismo presente na resignação e no fatalismo que se expressa na esperança em dias melhores. Tudo acontece de forma muito fugaz.

As contradições e as ambiguidades estão sempre presentes numa dupla relação resistência/conformismo, tolerância/esperança, amolecer/radicalizar, seriedade/ludicidade. A dualidade é a marca das pequenas mudanças no cotidiano dos moradores e dos grupos e movimentos no bairro. O cotidiano do bairro na visão de muitos moradores é uma muralha difícil de transpor. O bairro é o espaço onde o indivíduo é reconhecido e, é o local de encontrar formas de expressar os seus desejos, a sua criatividade, a sua opinião nos diferentes espaços de sociabilidade. Na cidade predomina a impessoalidade, enquanto no bairro as relações de afetividade são criadas e recriadas cotidianamente.

As formas de sociabilidade vivenciadas pelos moradores nos grupos e movimentos no bairro estão permeadas pela formação cultural vividas pelas classes sociais inseridas no lugar. Podem a partir do conformismo, tão enraizado na concepção dos moradores e dos grupos num determinado momento, sentirem-se impotentes as mudanças. Isso não implica que os moradores encontrem posteriormente formas de expressar no cotidiano os seus desejos e aspirações, os seus anseios de melhores dias, de expressar o seu lado festivo e de resistir ao controle imposto pelos meios sistêmicos, que buscam por todos os meios enquadrar corpos e mentes à lógica do mercado e do lucro. É difícil para os moradores manter a tradição e os valores numa sociedade dessa natureza como nos ensina Bosi.

Como poderia a tradição se alimentar numa sociedade de mercado internacional? Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até os ossos e transformados em mercadorias para o turismo, propaganda para TV. São rebaixados a objetos da curiosidade do espectador urbano. Como poderia tal tradição desgastada ser o amparo dos que foram despojados de seu único saber? Só os laços comunitários nascidos a despeito dessas relações, só uma praxe de solidariedade entre os espoliados, poderia criar novos valores. (BOSI, 1979, p. 317).

A luta por direitos ao lazer, a cultura, por melhores condições de vida, em que os grupos vão desnaturalizando as carências vividas no bairro de certa forma, vão criando os espaços e os valores que vão moldando o modo de vida daqueles que convivem no Benfica. Tudo se movimenta de forma quase imperceptível, as contradições estão envoltas num ambiente de ambiguidades. A consciência dos direitos, não implica que os moradores e os grupos aceitem de forma passiva o que está posto. A resistência pode ser o limite entre o fatalismo e a resignação. Quando os grupos sociais inseridos no Benfica se veem ameaçados e não podem mais estarem em um convívio solidário, entre amigos sentados em cadeiras nas calçadas ou andando na praça do bairro, pode enfrentar face a face um representante do Estado cobrando-lhe as atitudes em nome da segurança para o bairro.

Diante disso, são necessários outros entendimentos da cidade e do urbano. Não como forma de negar as produções sobre o tema. Ao contrário, é necessário apenas estabelecer alguns critérios para a busca de entendimento da cidade como uma mediação entre as mediações, lugar e local que incorpora à história, as relações sociais, políticas e as práticas educativas que se concentram no espaço urbano.

Salienta-se, assim, o quanto os movimentos sociais, sejam eles de qualquer natureza, adquirem significações sociossemióticas, no momento que determinados espaços da cidade são construídos e reconstruídos constantemente a partir de seus vários tipos de uso. De maneira que a forma da cidade não existe por si só: é adquirida de um duplo movimento: o do todo (sociedade capitalista) e de um micromovimento (cotidiano). Entre uma e outra, no momento do ir e vir, uma nova identidade, uma nova determinação – um devir.

Assim, todo e qualquer comportamento humano, incluindo as práticas políticas, tem dois ou mais significados: para o sujeito do fazer e para o espectador desse fazer. Diante disto, é possível dizer que as ações, ou mesmo o pensamento sobre a cidade trazem uma significação como projeto e como resultado, e as transformações da (na) cidade podem ser “lidas” como significantes.

Portanto, a maneira como esses grupos vão organizando o seu modo de vida, de certa forma influencia a dinâmica socioespacial presente no bairro. Eis, portanto o cenário do

teatro da vida onde os atores representam a vida cotidiana que está presente na rotina de todos aqueles que vivem nas grandes cidades, em especial, em bairros como o Benfica. Onde a cotidianidade dos afazeres do dia-a-dia do trabalho, do lazer, do ócio e da vida comunitária vão moldando a vida das pessoas e dos grupos sociais. O modo de vida no Benfica como lugar da sociabilidade e espaço das práticas educativas está permeado pelo pluralismo e pela violação, pela mística e pela racionalidade. Tudo isso envolto na vontade de viver, de rir e cantar, de beber dançar e de ser solidário, muito embora o mundo lá fora nos mostre uma vida individualizada, egoísta, muito diferente desta que ousamos querer viver.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história Oral**. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BARROSO, Francisco de Andrade. O Benfica de ontem e de hoje. Fortaleza, Editora LCR, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Cléa. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**, Fortaleza: 1893. E-book, site: www.nead.unama.br. Universidade da Amazônia.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alesandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (1992). **Se der tempo a gente brinca: o lúdico e o lazer da criança que trabalha e estuda**. Niterói: Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.
- CASTRO, Wagner José Silva de. **Intelectuais, Professores e Artistas: Práticas Educativas, Arte Engajada e o Massafeira Livre**. (1955-1981). Tese de doutorado defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1997.
- CHARTIER, Roger. **Introdução**. In: A história cultural. Lisboa: Difel, 1990.
- _____, Roger. “**A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**”, Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, vol. 7, nº 13, 1994.
- DOSSE, François. **História à Prova do Tempo da História em Migalhas ao Resgate do Sentido**. São Paulo: UNESP, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. FERNANDES, Tânia Maria. ALBERTI, Verena (orgs.) **História Oral – desafios para o século XXI**. Ver THOMPSON, Alistair. Aos Cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. FIOCRUZ, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida**. Campinas: Papirus, 1997.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FURTER, Pierre. (1977). **Existe a formação extra-escolar?** Os problemas dos diagnósticos e dos inventários. Rio de Janeiro: Rev. Fórum, IESAE, jan/mar, 5-51.

_____. (1975) **Juventude e tempo presente:** fundamentos de uma pedagogia. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

GALENO, Alberto S. **A Praça e o Povo:** homens e acontecimentos que fizeram a história na Praça do Ferreira. Fortaleza: Gráfica Stylus Comunicações, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Edições Alagadiço Novo, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

JOUTARD, P. **Esas voces que nos llegan del pasado.** Trad. Pasternac, N. 2ª Ed. Fondo de Cultura Económica, 1999.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na Polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. **O Direito a cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. **História e consciência de classe.** Porto publicações Escorpião. Portugal: 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. “**Les usages de la biographie**”, **Annales, ESC.** Paris, Armand Colin, 44 année, nº 6, nov.-dec. 1989.

_____. **Sobre a micro-história.** In.: BURKE. Peter(org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal:** por uma antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LOPES, Marciano. **Royal ariar (A Fortaleza dos anos 40)** 3ª Ed. Fortaleza: Gráfica e Editora TIPOGRESSO, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles.** In: Sociedade global: cultura e religião. Org. MOREIRA, Alberto da Silva. Petrópoles –RJ: Editôra Vozes e São Paulo: Universidade de São Francisco, 1998.

MICHELLET, Jules. **O Povo,** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**. Vol.2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PRINS, Gwyn. História Oral in BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

REZNIK, Luís. **Qual o lugar da história local?** Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2017.

ROUSSO, Henry. **Vichy, le grand fossé**. In: Vingtième Siècle, revue d'histoire, nº5, janvier-mars 1985. Les guerres franco-françaises, sous la direction de Louis Bodin. pp. 55-80.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

_____. **Espaço e Sociedade**. 28 Edição, Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

_____. **TERRITÓRIO - Globalização e fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. **O significado do botequim**. In: HOGAN, Daniel J. et al. Cidade: usos & abusos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978, pag. 77-114.

SIMMEL, Georg. **As Aventuras de Georg Simmel**. Lisboa, Editora 34, 2000.

_____. **Ensaio sobre teoria da história**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto Editora, 2011

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRILLA, Jaume. (1993a) **Otras educaciones: animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa**. Barcelona: Anthophos.

_____. (1993b) **La educación fuera de la escuela: Ámbitos no formales y educación social**. Barcelona: Ariel, (1986)TRILLA, Jaume. **La Educación Informal**. Barcelona: Ed. PPU.

_____. (1986). **La educación informal**. Barcelona: PPU.

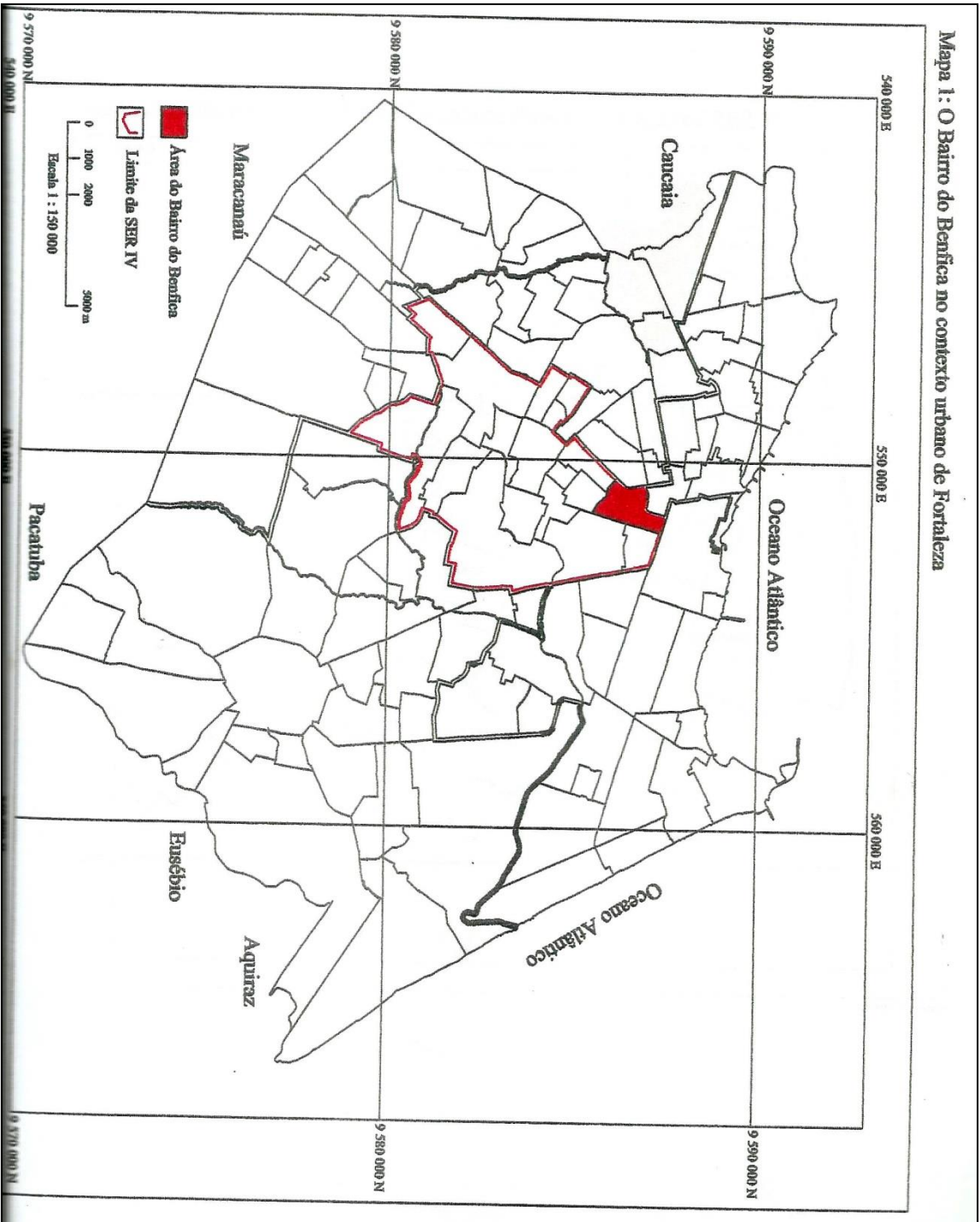
VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. São Paulo, SP: Campus, 2002.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. “**Quem é de Benfica**: o bairro como lugar de sociabilidade e espaço das práticas de resistência”. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.

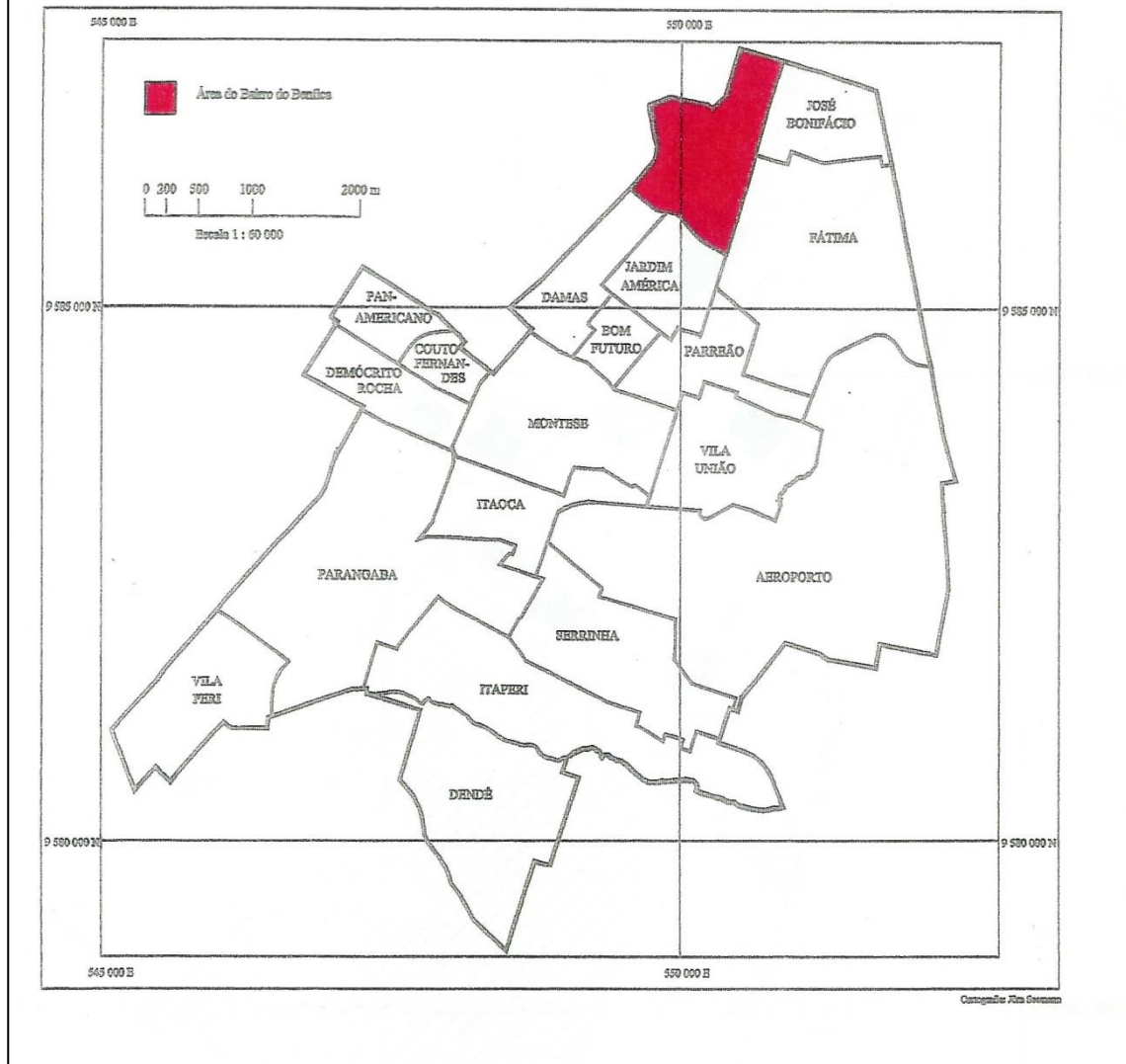
ANEXOS

MAPAS DA EVOLUÇÃO DO BENFICA

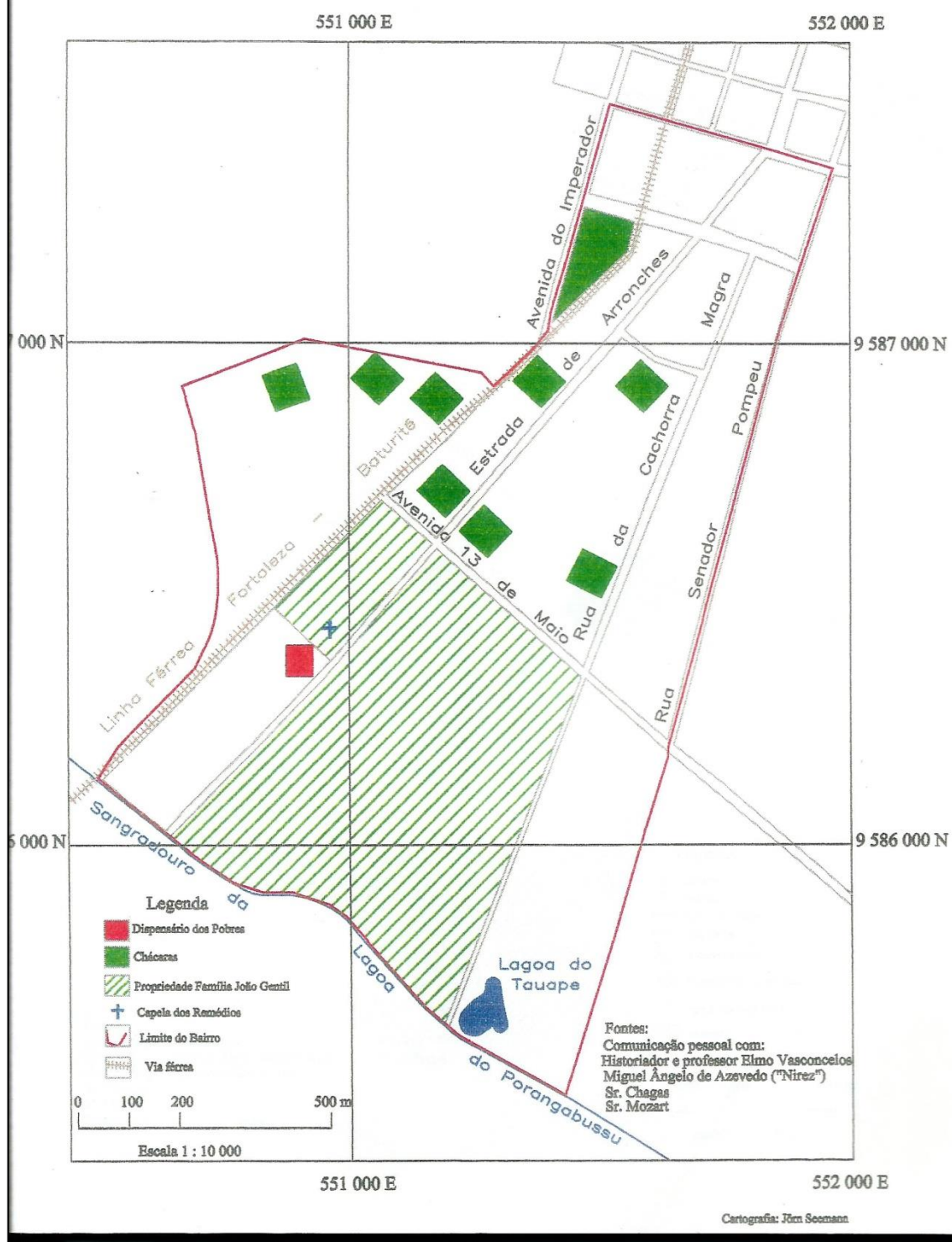
Mapa 1: O Bairro do Benfica no contexto urbano de Fortaleza

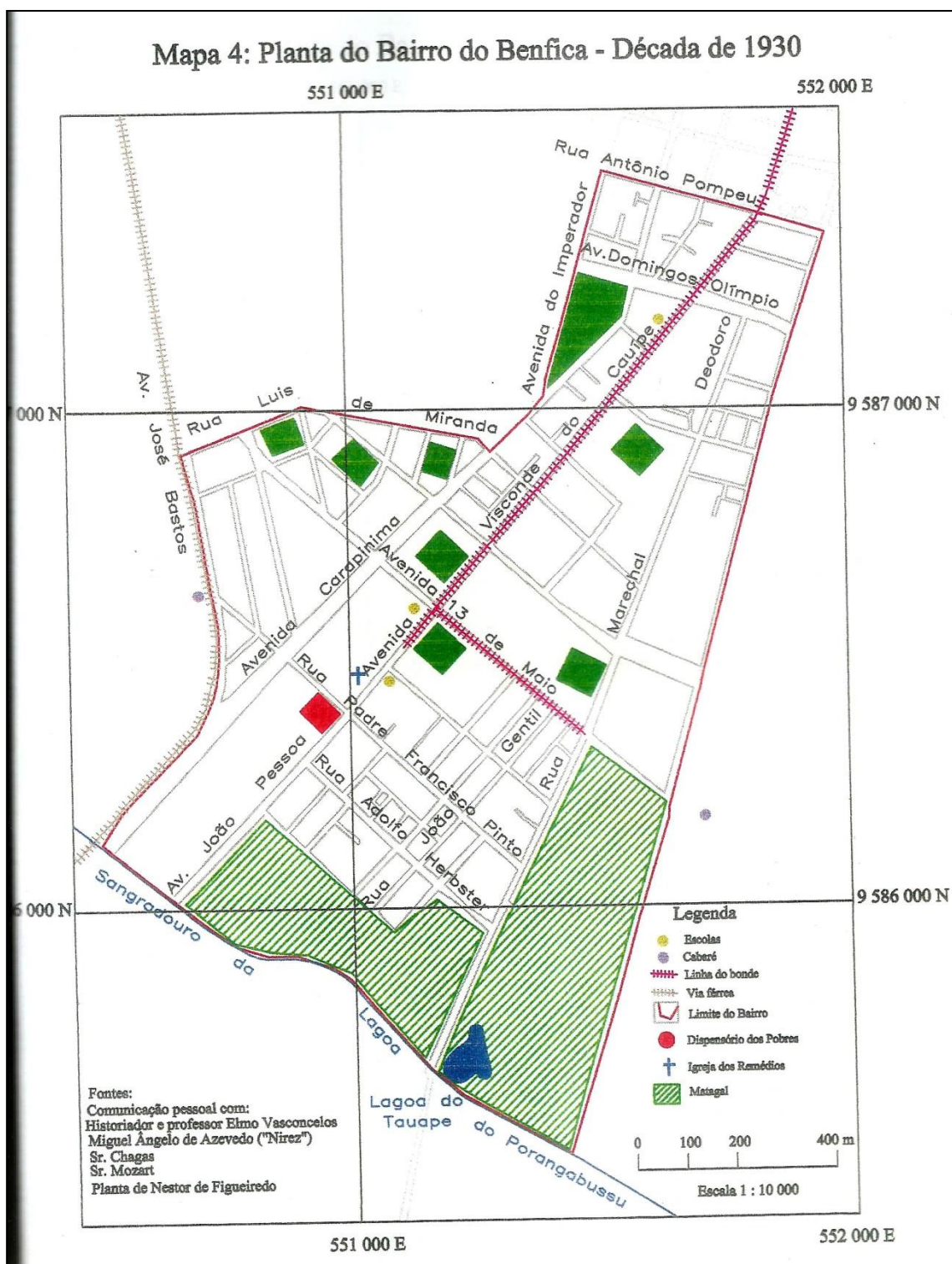


Mapa 2: O Bairro do Benfica na Secretaria Executiva Regional SER IV

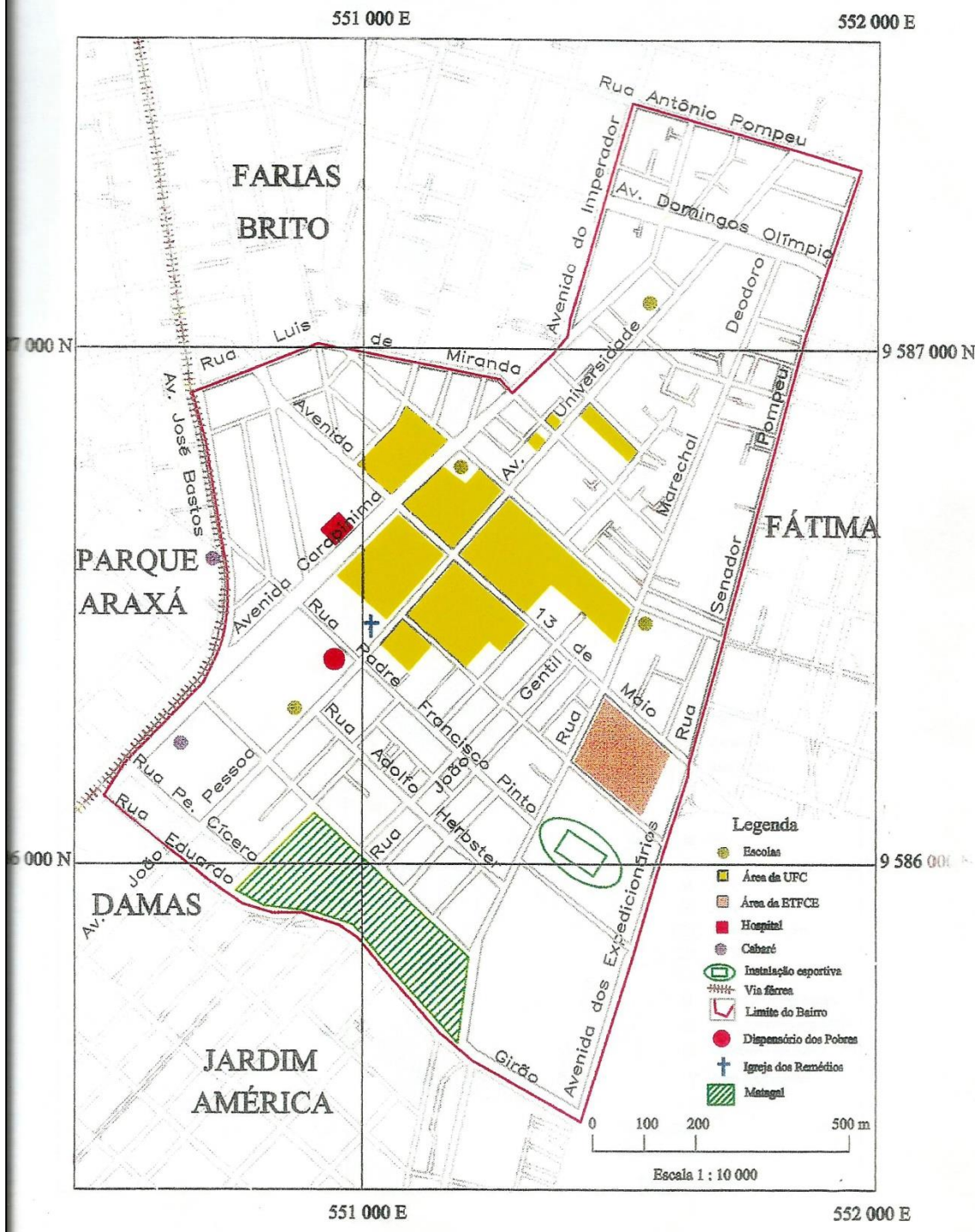


Mapa 3: Planta do Bairro do Benfica - Início do Século

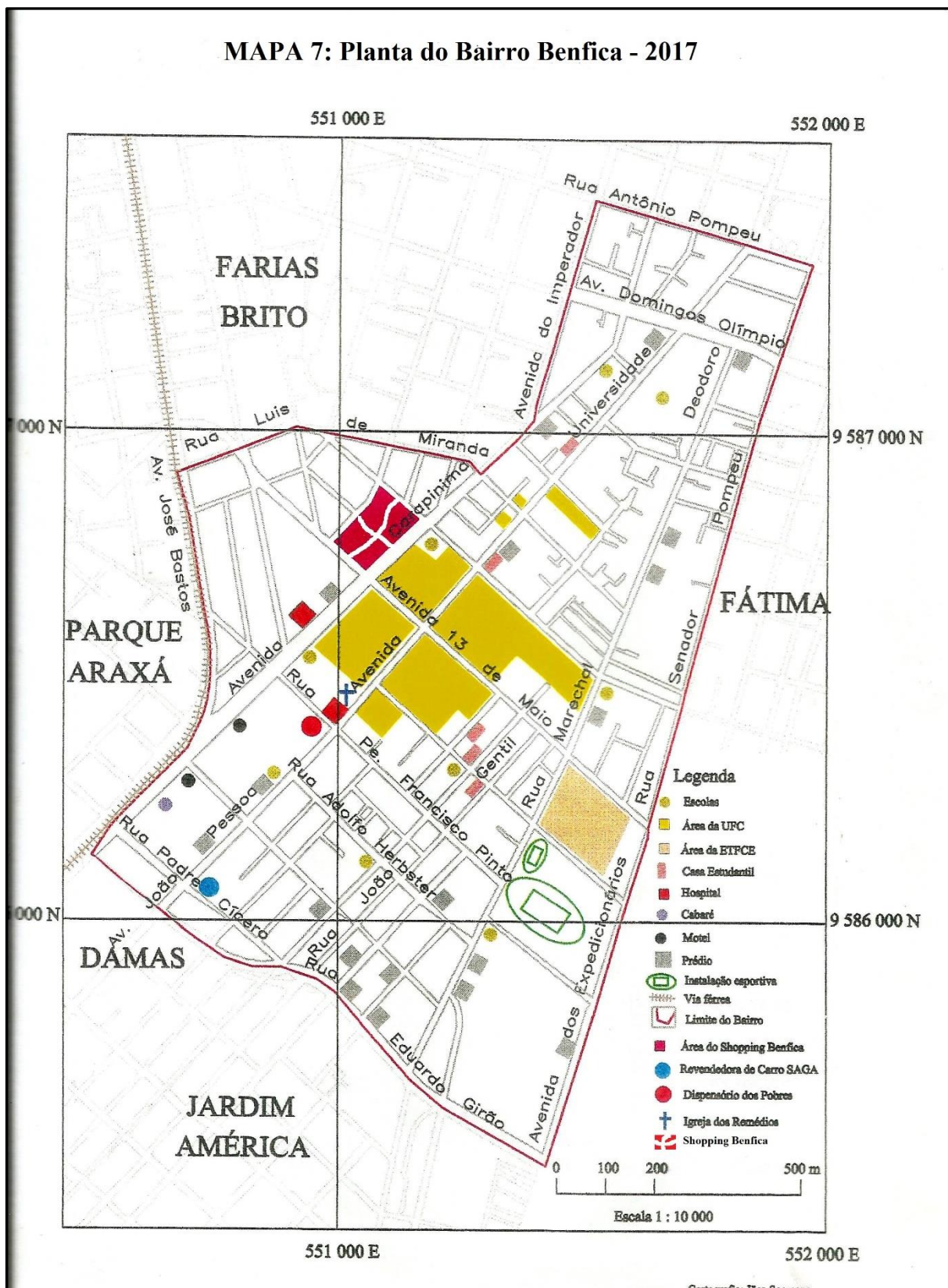




Mapa 5: Planta do Bairro do Benfica - Década de 1960



MAPA 7: Planta do Bairro Benfica - 2017



MAIS FOTOGRAFIAS DO BENFICA

Figura 35: Foto da avenida Visconde de Cauípe, atual avenida da Universidade. O Fotógrafo estava posicionado sobre as Caixas d'água, localizadas por trás da Faculdade de Direito. A segunda casa do lado esquerdo da avenida, pertencia a Rodolpho Teófilo. A elevação ao fundo é a Serra de Maranguape. Foto de 1932.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 36: Foto da confluência entre a avenida 13 de maio e avenida da Universidade, onde nos anos de 1960, foi construído uma rotatória (conhecida como balão da Reitoria e instalada ali uma fonte, que inicialmente era localizada na praça da Lagoinha). Foto de 1969.



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 37: Fotografia do Cel. José Gentil Alves de Carvalho. Imagem captada uma semana antes do seu falecimento. Foto de 1941.



Fonte: Arquivo Elmo Vasconcelos Júnior.

Figura 38: Alta mor da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, considerado um dos mais belos das igrejas da cidade de Fortaleza. Segundo a família Gentil, teria sido presente do Cel. José Gentil Alves de Carvalho. Foto de 1937.



Fonte: Arquivo Nirez.